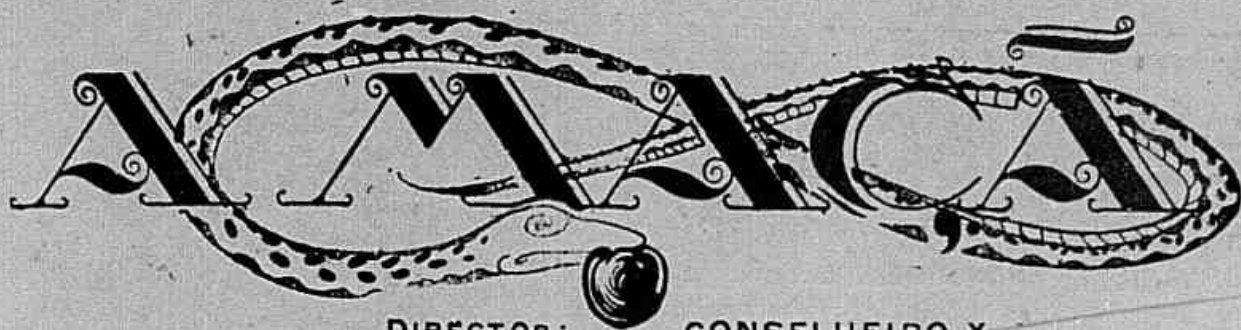


Num.
56
Anno II



3
Março
1923

DIRECTOR: CONSELHEIRO

EST.



O SATYRO — Só os homens se podem tragar...

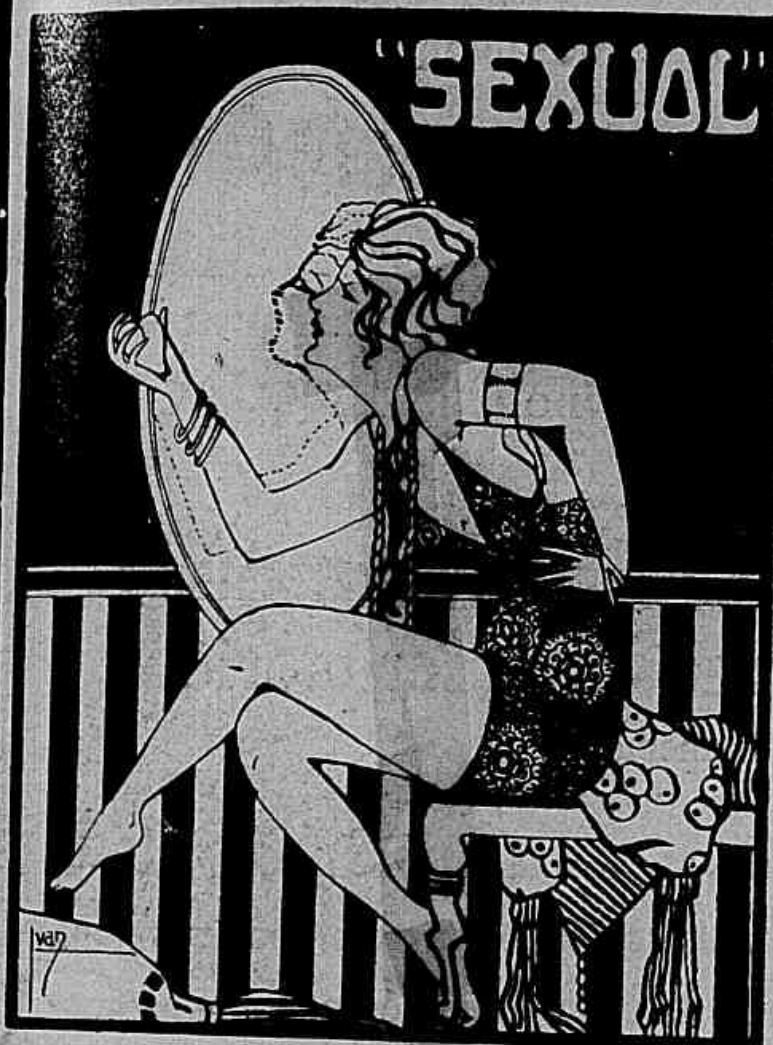


A Saude da Mulher

Remedio efficaz para

INCOMMODOES DE SENHORAS

Combate todas as enfermidades do utero e dos Ovarios



Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opothérpica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia.
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18

BIOTÔNICO FONTOURA

RESERVA DE SANGUE
FORTIFICA OS MUSCULOS
FORTIFICA OS NERVOS

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA S. PAULO

gencia de “Publicações Mundiaes” de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Sciencia do Amor.....	18500
O filho milagroso. Contos galantes.....	18000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas experien- cias ao alcance de todos.....	28500
Amar, gosar, morrer. Romance realista de Max Bois, 2ª edição.....	28000
Hygiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	28000
Um cabra perigoso. Contos singelos.....	28000
Mysterios da “Seita negra” ou os Dramas Secretos dos Conventos, por Max Dariol. Edição profusa- mente illustrada.....	58000
A filha do peccado. Romance.....	18500
A dansarina de Pompeia. Romance de costumes an- tigos por Jean de Bertheroy.....	28000
Sensações, poesias de Regina de Alencar.....	38000
Romances Illustrados de Paulo de Kock a	1\$500

As ligas da noiva || A Filha perdida
Bella costureira || Amor e ciúme
O casamento forçado || Amor e ciúme

Collecção Garota a 200 rs.

Um passeio ao campo || Uma Aventura de Amor
A cela de Cleopatra || O banho de Adalina

Grande sortimento de fasciculos do novella popular

Miss Boston — A unica mulher policia de todo o mundo, 400 rs.
cada folhetim com episodio completo.

Patrick Osborne — O rei da policia.

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta - Scherlock
Holmes.

Novos mysterios de Paris, Toto Touinard, o bravo policia
francez.

Eva — Revista humoristica hespanhola, 500 rs.

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS,
JORNAES E ALBUNS PARA BORDADOS, LIVROS, ETC.

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' A MAÇA.

Em todas as farmacias e drogarias
Depositaros. Plinio Cavalcanti & Cia.
Rua da Alfandega, 147 - RIO

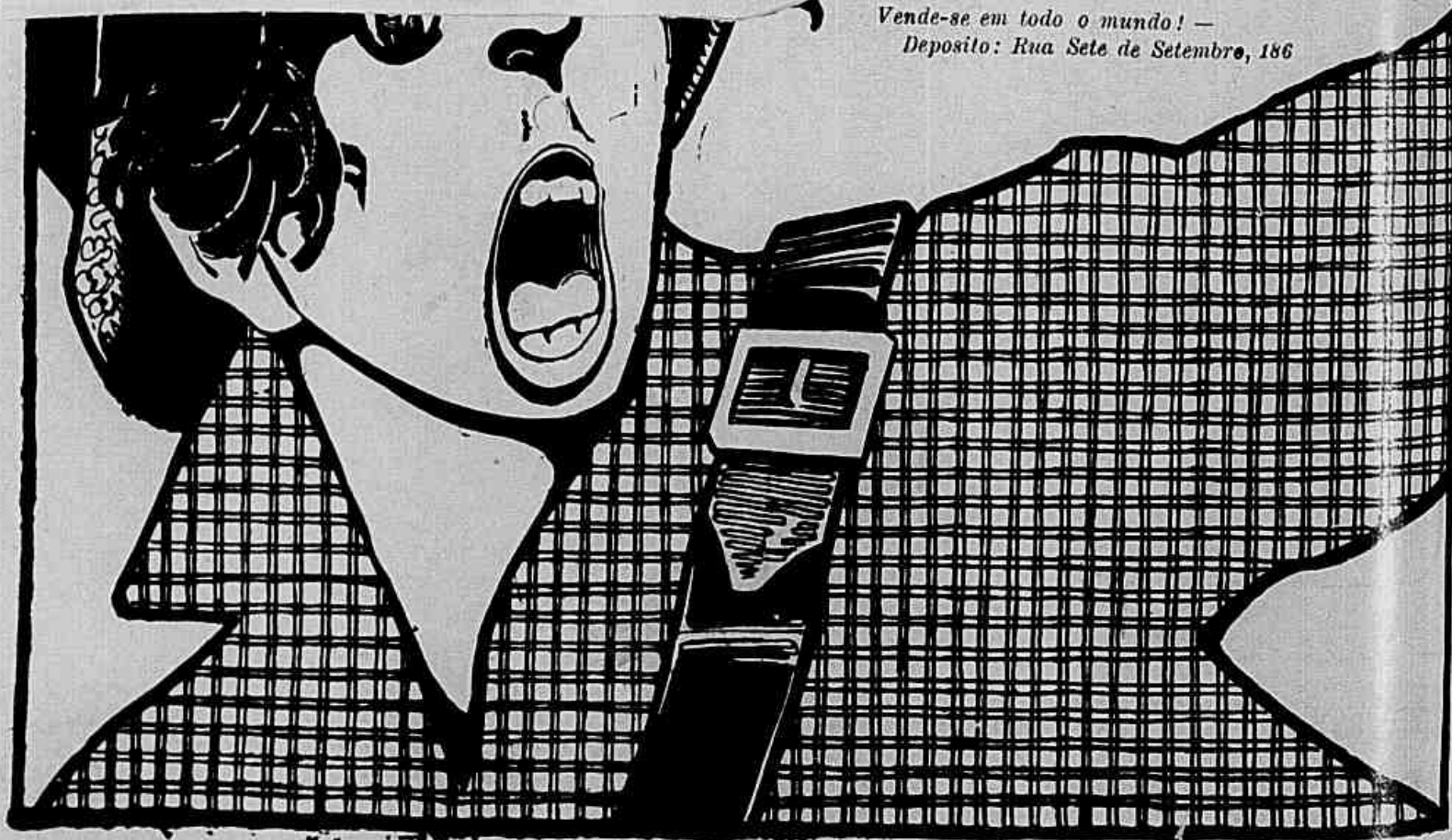
DYNAMOGENOL

O mais eficaz dos tónicos para o systema nervoso
e muscular. O mais completo ACCELERADOR
DE FORÇAS E DA NUTRIÇÃO
DOS MUSCULOS!



... não
... e to-
... OGE-
... a ges-
... após a delivrance, pois
... conseguem filhos robus-
... ter abundancia de leite
... em phosphato, graças a
... inegalavel preparação.
... só vidro de DYNAMOGE-
... OL representa para a senhora
... ue amamenta mais vantagens
... que uma duzia de garrafas
... d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! —
Deposito: Rua Sete de Setembro, 186



FRUCTAL

**Pó effervescente á base de
saes de fructas**

Combate as **perturbações
gastro-intestinaes** e regu-
larisa as funcções do appare-
lho degestivo.

As indisposições, tonteiras,
enxaquecas, dor e peso no
Estomago, asias, colicas e
demais symptomas d'aquellas
perturbações cessam com uma
só unica dose de Fructal.

Quem tomar Fructal não sof-
rerá do Estomago, Intestinos,
Figado e Rins.

E' muito agradavel de tomar.
Encontra-se em toda as phar-
macias.



Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade
PASTEURIZADA - PURA - SABOROZA
Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43
RIO DE JANEIRO

COMP. DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2^h 15, e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 3 de Março, Ás 3 horas da tarde

200:000\$000

POR 16\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

VERIFIQUEM OS PREÇOS

DA

CASA YORK

CAMISARIA

22|26 Assembléa

Esquina da Rua do Carmo



A mais antiga casa de roupas brancas,
para homens, cama e meza, da rua do Ouvidor, é a

CASA ESTRELLA

a preferida do publico pela superioridade de seus
artigos e modicidade de seus preços.

OUVIDOR, 134

Equipamento moderno de escriptorio

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, "a esferas" na
SMITH & BROS, não é nenhuma inno-
vação — 20 annos de experiencia têm de-
monstrado a excellencia deste systema —
Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL

sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Agente geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158

[Mimeographos, 'Edison-Dick' — Os afamados Cofres "Minerva" etc. etc.

Visitem minha exposição.

OLHOS

Inflammações e purgações

USE O

"COLLYRIO MOURA BRAZIL"

ROYAL STORE

*Modelos e confecções — Ultimas novidades
Capricho e bom gosto na execução de encomendas.*

187 - RUA DO OUVIDOR - 187

(Proximo ao Largo de S. Francisco)

TELEPHONE N. 6717

LIVROS

DO

CONSELHEIRO X. X.



VALLE DE JOSAPHAT — chro-
nicas de 1918 (10.º mí-
lheiro) 1 vol. 300 pags.
br. 5\$ enc. 6\$500

TONEL DE DIOGENES — chronicas
de 1919 (12.º milheiro)
1 vol. 320 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

A SERPENTE DE BRONZE — chro-
nicas de 1920 (10.º milheiro)
1 vol. 360 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

GANSOS DE CAPITOLIO — chroni-
cas de 1921 (6.º milheiro)
1 vol. 406 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

NO PRELO

BACIA DE PILATOS — chronicas de 1922
1 vol. 400 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

Editora : GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas : Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899 — End. teleg. ETIEB — Telephones: Central 250 e 38

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Consiheiro X. X. — Proprietario Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:		Capital:	
Anno	25\$000	Numero avulso	\$500
Semestre	15\$000	• atrozado	\$600
Numero avulso	\$600		

Exterior:

Porte simples		Registrado	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
1/2 "	110\$000	Capa a duas côres	450\$000
1/4 "	60\$000	• • trez "	600\$000



Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORIA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

A CASA TEDESCO

Está fazendo uma GRANDE VENDA, após o balanço, com grande BAIXA DE PREÇOS.

Liquida todo o seu grandioso sortimento de verão. — Sedas, Voilagens, linhos, Cambraia, Organdy, Blusas, matinées, Peignoirs em sedas e lingerie e outros muitos Saldos Não comprem sem verificar os preços da

Casa Tedesco

9 -- GONÇALVES DIAS -- 9

As luvas

Uma das cousas que impressionam peor nas nossas reuniões chics, é a côr das luvas de certas senhoras. Algumas ha, de dedos tão escuros, que nos dão a impressão de ter sahido da lata do lixo, ou de terem passado o dia, na vespera, a remexer no carvão.

Foi ameaçado por cinco dedos d'essa ordem, que o dr. Armenio da Rocha Miranda, em um dos últimos chás dançantes do Gloria Hotel, pediu, de repente, a uma formosa dama tirada para uma contradança:

— A senhora poderia fazer-me a gentileza de tirar as luvas?

— O senhor gosta mais do contacto da pelle? — indagou, desvanecida, a creatura.

— Não, senhora.

E economico:

— E' por que a minha roupa é clara e eu teria, talvez, de manda-la lavar...

E sahiu, no tango.

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS?...

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG. RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30



A assistência aos tuberculosos

A Liga Brasileira contra a Tuberculose previne ao publico que o seu serviço especial de Assistência Domiciliaria, instituido desde 1913 para visitar e tratar tuberculosos indigentes, continúa a funcionar regularmente em todas as freguezias urbanas do Districto Federal, tendo a sua séde á rua Senador Euzebio n. 238.

O enfermo que não póde frequentar os dispensarios da Liga é assistido em seu proprio domicilio recebendo gratuitamente, além dos soccorros medicos, ministrados por especialistas, os remedios necessarios e bem assim o leite de superior qualidade.

Um simples aviso dado pelo telephone (Norte 3930) nas horas do expediente (11 horas da manhã ás 2 da tarde), basta para a immediata satisfação do pedido de assistência.

Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e creanças, em syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nictheroy

Telephone 2066

CAZEMIRAS FINISSIMAS

CORTE ELEGANTE

Confecção superior

Preços baratissimos

ALFAIATARIA TRIANGULO

7 Setembro, 1968

RIO

GUARANT

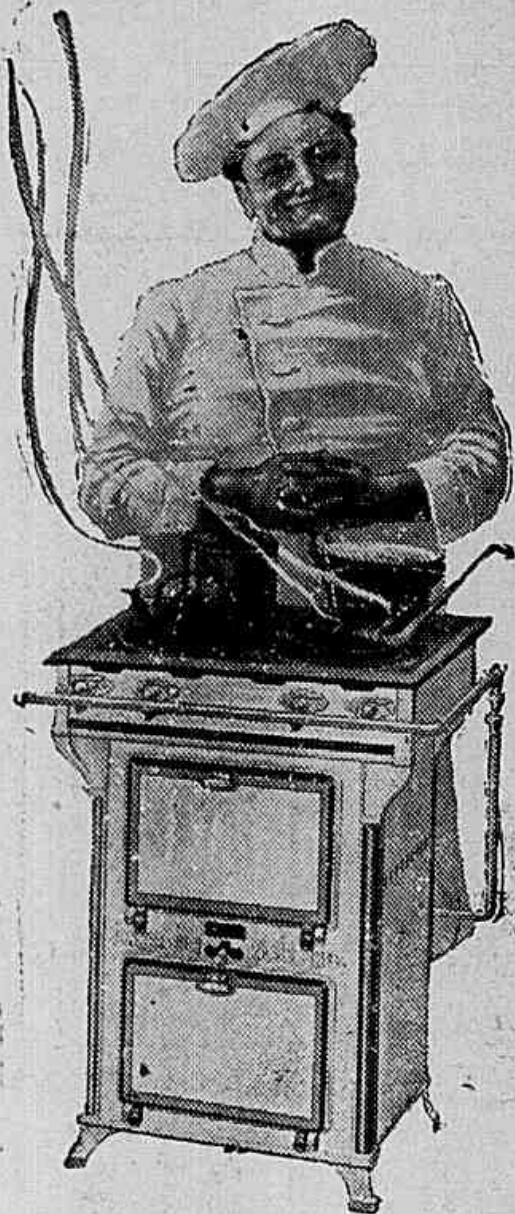
TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal. Base de genuino e concentrado guaraná - kola - cocca - arsenio-phosphatos, mór vomica, etc.

PILULAS DE CAFERANA
DE
ABREU SOBRINHO

FÉBRES

• INTERMITTENTES •
• PALUSTRES • SEZÕES •
• NEURALGIAS •
• MALEITAS •



FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Ruh-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

Sabonete SANITOL

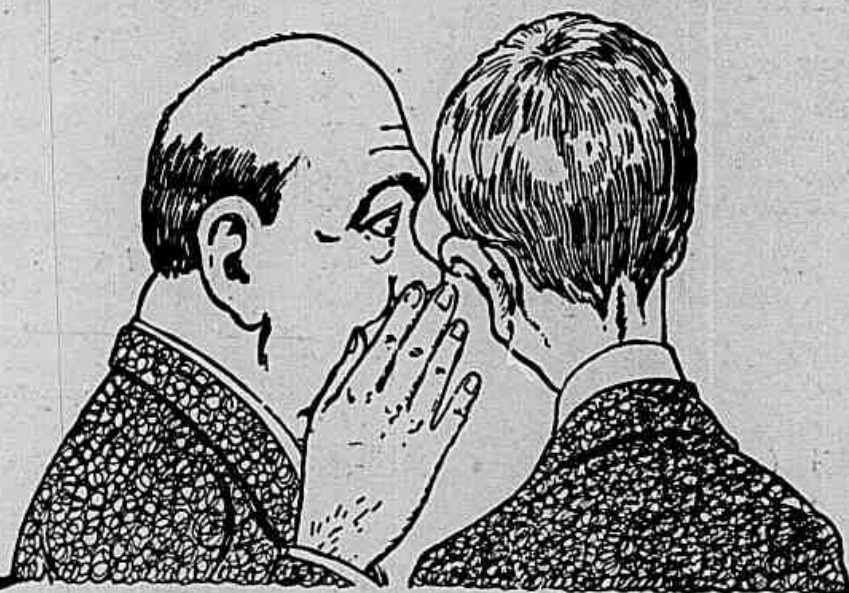
é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Rua Theophilo Ottoni, 98

Telephone Norte 6773

RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

VIDA EM FAMILIA



A rua do Rezende gosava a tranquillidade burgueza do meio dia, entre as filas de casas quasi colonias, quando foi despertada pelo buzinar de um automovel policial, repleto de praças. Negociantes do quarteirão correram á porta dos estabelecimentos, e foi com espanto que o viram parar em frente á mercearia do Machado, no alto da qual funcionava, segundo se dizia, uma casa de mulheres alegres, considerada a mais chic e frequentada do bairro.

— E' na pensão da Ginette! — exclamaram, a um tempo, os que acompanhavam o carro com a curiosidade dos olhos.

Essa casa de encontros suspeitos era, realmente, a mais movimentada da rua. Desde o meio-dia, começavam a affluir para alli, encostadas á parede, silhuetas elegantes de senhoras sem escrupulo, que se iam encontrar com apaixonados certos e fixos, ou aguardar, por espirito de lucro, os amantes eventuaes. As primeiras, logo á chegada, enfiavam para os gabinetes mobiliados, esperando o namorado do coração. As outras, tornadas profissionais, agglomeravam-se em torno á mesa, na sala de jantar, onde ficavam bebendo, fumando, conversando, até a chegada de um homem que as escolhesse.

Penetrando, de chofre, na casa, em um dia sem movimento, o commissario do districto não fôra, evidentemente, feliz. E tanto assim que, em vez de dez ou doze viciados diarios, da centena que frequentava aquelle antro, conseguiu prender apenas o turco José Ben-Assur, negociante de sedas á rua do Rosario, encontrado em flagrante delicto de devassidão. Ao arrombar um dos quartos mobiliados, encontrara-o a autoridade em trages menores, tendo em torno, nas mesmas condições, nove raparigas, das onze que se achavam na casa. E era justificando-se desse crime que o mussulmano depunha, agora, a voz tremula, os olhos humidos, perante o delegado districtal.



— Eu preciso contar-lhe a minha vida, senhor doutor, — começou, commovido.

E contou, numa evocação dolorosa:

— Eu era commerciante de tapetes e sedas na Trebizonda, quando os russos se approximaram d'aquella cidade, commandados pelo general Alexandrow. A minha casa de residencia, era das mais sumptuosas da provincia. Meu jardim era maior que o das mesquitas, e o meu harém um dos mais escolhidos de toda a Asia Menor. Eu tinha sempre, nelle, setenta ou oitenta mulheres, das quaes oito, pelo menos, partilhavam diariamente do meu leito, como esposas legitimas. Tomada, porém, a cidade, eu tive que abandonar tudo, inclusive a minha fortuna, fugindo para Constantinopla e, de lá, para Marselha, de onde me transportei para o Brasil.

— Fez uma pequena pausa, e continuou:

— Chegando ao Rio de Janeiro, com a saudade da minha casa da Trebizonda, metti-me de namôro com a filha de um hespanhol, meu visinho, á rua Senhor dos Passos. Ameaçado de prisão, casei-me, constitui o meu lar á maneira do

Brasil, tendo já quatro filhos legitimos, em minha casa. Eu sou, porém, turco, senhor doutor. Fui creado num regimen differente, educado numa religião que só comprehende a familia quando constituida por muitas mulheres. E, então...

— Então... — fez a autoridade.

— Então, — continuou o turco, — eu saio todos os dias, a esta hora, do meu estabelecimento, e metto-me na casa de mme. Ginette, ou em outra semelhante, escolho seis, oito, ou dez mulheres, e fecho-me com ellas em um quarto. Mas eu juro, senhor doutor, eu juro que não é por vicio, por mal, por devassidão.

E enxugando uma lagrima grande, e verdadeira, num canto escuso do olho:

— E' para ter, de novo, a sensação da vida em familia!...

X. X.



VISITEM O

AO 1.º BARATEIRO

Avenida Rio Branco 100

**Exposição dos mais recen-
tes “modelos” parisienses
para**

SENHORAS

E MENINAS

O ANNEL

Conto de
GIOVANNI MORELLI

O casal Rogerio Sobreira constituía o typo legítimo de uma classe numerosa, que se vae tornando commum no Rio de Janeiro: a dos que se alliam mais por commodidade do que por amor, e que atravessam a vida sem ciúmes, sem brigas, sem as contrariedades que a afeição, em geral, accarreta. Isso não queria dizer, entretanto, que Dona Virgínia fôsse deshonesta, e, muito menos, interesseira.

Bem classificada, ella pertenceria á classe das martyres. Bonita e moça, e com liberdade absoluta, podia ter namorados, que lhe occupassem o coração; preferia, entretanto, levar vida modesta, passar necessidades, soffrer as consequencias do abandono a que a votava o marido, a capitular, sem protestos, ante os assédios constantes, e violentos, dos melhores amigos da casa.

— E' tolice a sua intransigencia, — dizia-lhe o dr. Godofredo Braga, — olhando o céu, ao seu lado, em um vão da janella.

— O Rogerio gasta o dinheiro ahi por fóra, com mulheres de toda a ordem e força a a privações, aqui, dentro de casa. Entretanto, basta uma palavra sua, para possuir vestidos, joias, automovel, espantando a cidade com o seu luxo, com a sua belleza, com a sua elegancia.

A decima ou vigesima vez que o dr. Godofredo lhe disse isso, Dona Virgínia começou a reflectir. A sua vida era de tormento, de sacrificio, de quasi penuria. Passava mezes sem um vestido decente, e, por mais de uma vez, deixou de sahir por falta de nickel para o bonde. Por que, pois, aquella obstinação? O marido, certo, não tinha o direito de pedir-lhe contas do seu comportamento, porque elle, tambem, não lh'as dava da sua vida. Era moça, bonita, cobiçada. Temperamento frio, não amava nem desejava ninguem. Si, pois, capitulasse, não seria por amor, por desejo, por necessidade de nervos, mas por interesse, para tirar um proveito pratico da sua belleza.

Resolvido isso, ficou á espera. E quando o dr. Godofredo lhe falou, de novo, no conforto que podia ter se fosse menos obstinada, a moça, voltou-se para elle, resoluta:

— Sabe de uma cousa? Eu tinha desejo de, este anno, encontrar dentro do meu sapato um mimo do pae Noel!

— E se pae Noel lhe puzesse um lindo presente no sapato, que é que a senhora lhe dava, como retribuição?

— Ia á «garçonnière» d'elle, no dia seguinte, pela manhã, dar-lhe um beijo na bocca!

— Pois, então, ponha amanhã o seu sapatinho á janella, lá embaixo, que, á meia-noite, o pae Noel passará. E na manhã seguinte, elle a espera, ás nove horas. Está combinado?

— Combinado!

A vespera de Na'á, consumiu-a-a Godofredo Braga, inteira, em arranjar, enchendo-a de flores, a sua linda vivenda do Russell; e quando foi á tarde, correu á Avenida, onde adquiriu por dezoito contos um lindissimo brilhante negro, encastado em platina, e que era, como annel, uma verdadeira maravilha. Como não tinha a medida do dedo, comprou-o sob condição, afim de trocar a cravação, caso não servisse na destinataria. E quando foi meia-noite, passou na casa da mulher adorada, enfiou a mão entre a veneziana e a porta interior, e, encontrando ahi um sapatinho Luiz XV, deixou, dentro, o pequeno embrulho, contendo a preciosidade.

Em frente ao casal Rogerio Sobreira residia, porém, o estudante Mauricio Botelho, que era considerado, ao tempo, o mais incorrigivel da Faculdade de Medicina. Accordado, áquella hora, viu elle a approximação do dr. Godofredo, e que elle deixara qualquer cousa á janella. E assim que este desapareceu na esquina, desceu, tirou o embrulho, e, voltando ao sobrado, abriu-o:

— Um annel de brilhantes! — disse, os olhos arregalados.

E após um momento:

— Mas, para que eu fique com isto, é preciso botar lá a substituição. Espera ahi.

E poz-se a andar pela casa, remexendo tudo. Ao abrir uma gaveta, sorriu.

— Isto serve! — disse.

Era um enorme bico de borracha, para irrigador, o qual foi embrulhado no papel de seda, e pôsto, dentro de alguns minutos, dentro do sapatinho Luiz XV, que o aguardava á janella.

No dia seguinte, Godofredo Braga esperou, debalde, a visita promettida. A's dez horas, telephonou. Attendeu-o Dona Virgínia.

— Serviu? — foi a sua pergunta, suppondo que o annel tivesse ficado grande, ou pequeno.

A resposta foi, porém, uma pancada no phone, desligando brutalmente o aparelho, e, mais tarde, a decepção de encontrar vedada á sua pessoa, em absoluto, a casa de Rogerio Sobreira.

Hoje, Dona Virgínia padece em casa as consequencias de sua pobreza, mas está, mais do que nunca, disposta a repellir o galanteio dos homens.

— Canalha! — diz, vermelha, os dentes cerrados, toda a vez que se lembra de Godofredo Braga.

— Interesseira! — diz este, por seu turno, quando reflecte sobre o caso.

E com raiva:

— O que ella queria, era apanhar-me o annel!...

Giovanni Morelli

Conto do
ALMIRANTE RIBAS

O IRRESOLUTO

Desde pequeno, o Lourenço de Souza fôra inseguro da vontade. A's vezes, pedia licença ao pae para ir brincar no jardim. Concedida a permissão, chegava á porta, e voltava, para sahir de novo, e para voltar outra vez. E tanto se de'inha nesse vae não vae, que consumia, nelle, todo o tempo que lhe fôra concedido.

Aos dezeseite annos, o seu espirito de de'liberação não tinha avançado, sequer, um passo. Com autorização para escolher a carreira do seu agrado, resolveu, de manhã :

— Vou matricular-me na Polytechnica. Hei de ser engenheiro...

Em caminho, parava,

— E advogado? Quem sabe se não é melhor que eu seja advogado?

E já á noite, em casa, a mão no queixo :

— Vou estudar medicina... Está resolvido!

Durante annos, oscillou e'le entre as profissões ao seu alcance. E estava com trinta e quatro, feitos, sem ter optado por uma, quando o pae morreu, deixando-lhe, perfeitamente desembaraçados, a sua casa, a gestão dos seus bens, o governo de sua fortuna.

Entregue a si mesmo na vida, o Lourencinho, que se tornara simplesmente o Lourenço, resolveu continuar no mesmo regimen fazendo, apenas, algumas alterações na casa que o velho lhe legára. E a primeira de'liberação, consistiu em mandar chamar um mestre de obras, a quem expoz :

— Aqui em casa tem, unicamente, uma «privada». A familia é grande, e eu queria que o senhor me fizesse outra sentina, absolutamente egual, no andar terreo.

— Pois, não! — acquiesceu o empreiteiro. — Amanhã mesmo começarei o serviço.

E no dia seguinte lá estava, muito cedo, com os seus operarios, a sua ferramenta, as suas taboas, os seus encanamentos, promptos para iniciar o trabalho. Ainda não tinha, porém, met-

tido a picareta na parede, quando o dono da casa sahiu ao encontro do mestre.

— Sabe de uma cousa, «seu» Luiz? Eu resolvi não mandar fazer mais a outra «privada». A minha familia é grande, mas é uma só. E você comprehende que não ficaria bem estabelecer distincção em cousa tão sem importancia. Não acha? A que ahí tem, será para todos nós.

Nessa mesma tarde, no entanto, foi mestre Luiz chamado outra vez.

— Sabe, mestre? Vamos fazer, mesmo, a «privada». Podem vir parentes, amigos, ou simples conhecidos, hospedar-se em minha casa de uma hora para outra, e uma, apenas, não bastará.

Na manhã seguinte, entretanto, quando o operario voltou, foi para retroceder com todo o material, porque Lourenço de Souza pensara melhor durante a noite, lembrando-se que não tinha amigos, nem parentes, nem conhecidos que lhe fossem pedir hospedagem, maxime havendo na cidade, como havia, tantos hotéis, tantas pensões, tantas casas de commodos.

Essa resolução não havia de ser, porém, a ultima, a final, a definitiva. E tanto assim que, vinte e quatro horas depois, era chamado, de novo, o mestre de obras.

— Sabe, mestre Luiz? Eu quero que você me faça, mesmo, a «privada».

— Ah, sr. doutor, — protestou, dessa vez, o empreiteiro, escamado com tanta irresolução: — vossa senhoria quer, mas eu não lh'a faço.

— Não faz?

— Não, senhor!

— Mas, eu quero que você faça. Eu lhe nago!

— Mas eu não faço, senhor doutor; já disse a vossa senhoria que não faço! — insistiu o mestre, resolutos.

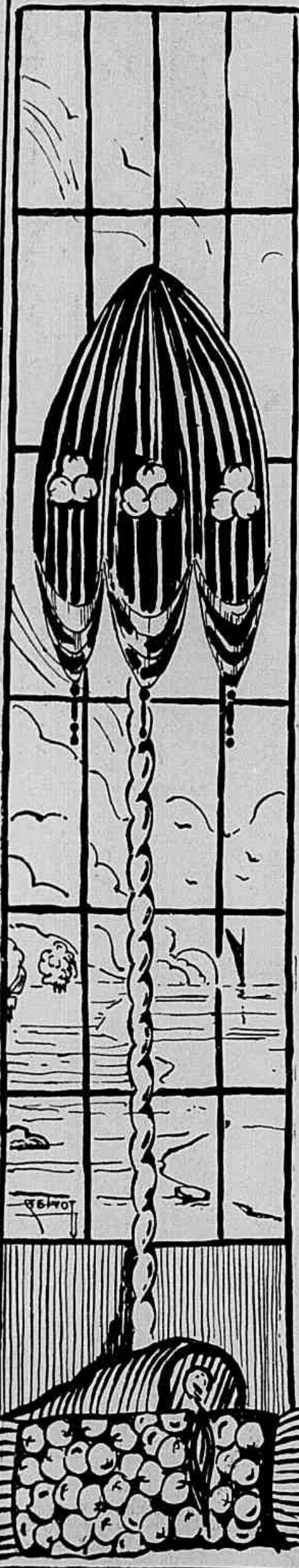
— Mas porque você não faz? — grita-lhe Lourenço.

E o mestre d'obras, arreliado :

— Ora, por que eu não faço!... Eu não faço porque, si vossa senhoria tiver duas «privadas» em casa, quando lhe apertar uma dôr de barriga, começa a correr de uma para outra, sem saber de qual se deva servir, e acabará... fazendo asneira nas calças!

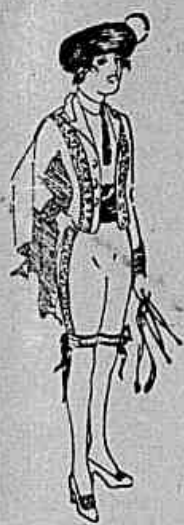
E sahiu batendo o portão, deixando o pobre Lourenço de pé, com a bocca cheia de saliva, sem saber se engolisse, ou a puzesse fóra.

Almirante Justino Ribas



FIGURAS NACIONAES

RAUL VEIGA



A campanha presidencial de 1910 havia creado na politica fluminense incompatibilidades fundamentais. Senhor, embora, do Estado, Nilo Peçanha não pudéra arregimentar todos os seus amigos em torno da chapa marechalicia, creada pelas conveniencias de Pinheiro Machado. E um dos correligionarios que primeiro manifestaram o seu desgosto, foi o deputado estadual Octavio Veiga, chefe politico em Friburgo, onde dispunha, com os seus irmãos, de elementos apreciaveis

O afastamento desse Veiga deu ensejo, entretanto, á vinda de outro para a Assembléa de Nictheroy: em seu lugar, foi eleito o seu irmão Raul, engenheiro pela Polytechnica do Rio de Janeiro, e considerado o espirito mais brilhante da familia.

Raul de Moraes Veiga, era, realmente, o elemento de que Nilo Peçanha precisava. Nascido em Friburgo em 1876, fizera os seus primeiros estudos em um internato da Tijuca, e os preparatorios na Instrução Publica. Terminados estes, fez o curso de engenharia com assignalado brilhantismo, sem descurar, entretanto, as bellas letras, pelas quaes foi, sempre, um apaixonado. E estava elle com o seu canudo em disponibilidade, quando Nilo Peçanha o indicou para representante do 1.º districto fluminense na Assembléa estadual, em 1910.

Homem da confiança do chefe, Raul Veiga appareceu em Nictheroy com ares de gallo de briga. Conhecedor do latim, disciplina em que tirara gráo to, começou por atrapalhar os collegas, lançando-lhes á ventura um «aquila non capit muscas», um «ridendo castigat mores», um «caveant consules», ou um «mens sana in corpore sano». Essa superioridade sobre os companheiros irritou, naturalmente, a maioria. E de tal modo, que, um dia, interpellado por um collega, si prestava, ou não, vassallagem a Alfredo Backer, se viu na contingencia de responder, impassivel:

— «Nihil admirari».

— Como? — indagou o orador.

— «Nihil admirare!» — insistiu Raul Veiga.

— Mas o meu collega já esteve aos pés do Presidente...

— «In nihil o tempore».

— E agora? Não o admira mais?

— «Ex nihilo nihil!»

— Mas isso é uma deslealdade, uma traição!

E Raul, synthetico:

— «Nihil novi sub sole!»

Nessa mesma tarde, o «leader» do governo procurou Alfredo Backer:

— O Raul Veiga rompeu connosco. Para elle, agora, tudo é Nilo. E é Nilo, Nilo, Nilo, que não acaba mais!

E dias depois, graças ao latim de Raul Veiga, estava consumada a scisão entre Alfredo Backer e Nilo Peçanha, que, em signal de gratidão, promovia o seu precioso latinista do Estado á condição de deputado federal.

Na Camara, para a qual foi, logo, eleito secretario, cercou-se, facilmente, de uma infinidade de amigos. Orador fluente, de palavra precisa e elegante, poderia ter exercido, alli, maior autoridade, impondo-se pelas suas qualidades na tribuna. A politica exige, porém, em vez de idéas, de palavras, de discursos, a immobildade e o silencio. E como Raul Veiga era prudente e disciplinado, limitou-se a fazer companhia, durante algum tempo, a José Tolentino, ficando, os dois, como um tumulto deante de outro tumulto.

Essa demonstração de sabedoria politica recommendou-o, ao mesmo tempo, aos olhos de Nilo Peçanha e de Pinheiro Ma-

chado. Um homem de talento, de espirito e de cultura que se conservava calado quando possuia qualidades de orador, constituia, effectivamente uma preciosidade. E foi pensando nisso que Pinheiro empregou todos os meios para afastal-o do senador fluminense, quando este se separou, em 1913, do presidente Oliveira Botelho.

— Entrei na vida publica pela mão do dr. Nilo, — respondeu-lhe Raul Veiga, sincero; — e no dia em que não puder mais acompanhá-lo, encerrarrei a minha carreira politica!

Derrotado na renovação da Camara, em 1918, conservou-o Nilo Peçanha ao seu lado, impondo-o ao governo do Estado. E durante quatro annos governou Raul Veiga a terra fluminense, desenvolvendo-lhe a agricultura, multiplicando-lhe as estradas de rodagem, e votando um interesse todo especial á instrucção primaria, que foi dotada de edificios adequados em todos os municipios do Rio de Janeiro. Foi, em summa, um administrador zeloso e intelligente, que governou, sempre, dentro da ordem, sem faltar, jámais, á solidariedade com o seu partido.

Espirito encantador, que as boas letras enriqueceram, o ex-presidente do Estado do Rio não é, entretanto, e apenas, um politico moderado. A arte de seduzir, de prender, de encantar, não a empregou elle, unicamente, na catechese dos seus adversarios: as mulheres, nos salões, soffriam-lhe permanentemente a influencia, a ponto de o ameaçarem, até, de raptó, na barca de Nictheroy. Habitado á vida intensa da Avenida, atravessava a bahia todas as tardes para o seu «footing» ou para o seu chá. E poucas senhoras, frequentadoras da Lallet, não sentiram a pelle requemada pelos seus olhos de myope, coados, felizmente, pela peneira de vidros do «pince-nez»...

Viuvo aos quarenta e poucos annos, ficou Raul Veiga com o coração em leilão, disputado por um enxame de candidatas. Elle era bem o bôlo de mel em meio das moscas, ou o assucareiro destapado á invasão vandalica das formigas. Bonito, moço, e com uma voz macia, que é uma caricia de pluma nos ouvidos femininos, era, nos ultimos tempos, no mundo galante, o prato de honra. Um presidente de Estado, jovem e forte, não é cousa que se encontra todos os dias. E é de ver o assédio que lhe deram, havendo, mesmo, quem, para occupar-lhe o coração, lhe fizesse, até propostas de «luvas»...

Parsifal entre as ninfas, acabou, naturalmente, quebrando a neutralidade.

— Mas, elle a ama? — indagaram, naturalmente, as prejudicadas.

— Elle? — faziam os amigos.

E esclareciam, sem malicia:

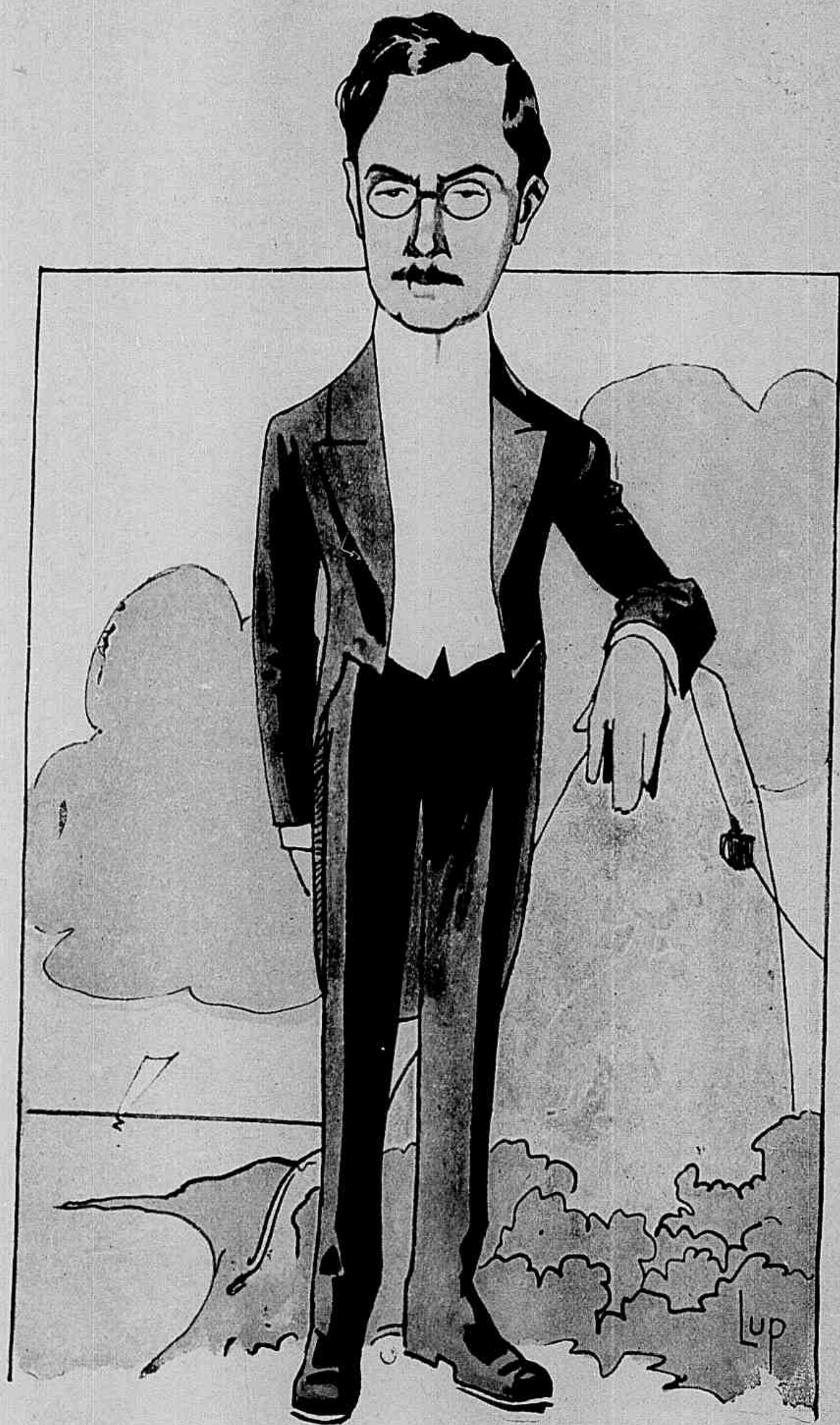
— O Raul, quando ama, adora...

Actualmente, anda Raul Veiga, pela Europa, a desfructar, em folga merecida, as férias que a Politica devia ao Amor. E' possivel, entretanto, que volte mais magro, mais abatido, de olheiras profundas e pernas trôpegas — por não ter sahido do beliche, nem mostrado a cara, uma só vez, fóra do wagon-leito...

Rodin



FIGURAS NACIONAES



RAUL VEIGA

PROPOSTA «CHIC»



ELLE — Si casares commigo, eu arranjo... quem nos sustente!

PAGINAS ESQUECIDAS
(1897)

ASSIM, NÃO!

Casou-se Clara Tourinho
Com José do Nascimento...
A festa do casamento
Acabou ha bocadinho.

Elle é bello; ella é formosa...
Recolhe-se o par chibante;
Porem, da porta diante,
Fica a mãe de Clara, anciosa.

Fica e ouve ao noivo este brado:
— «Ah! se te pilho, maroto!...»
(Um convidado garoto
Amarrou o cortinado)

Que nó! por vêr se o desata
Debalde o noivo se esforça;
Quanto mais emprega a força
Mais se cança, mais se mata.

— «Ah! se te pilho! — repete...
Por fim, apoiado á cama,
Já desanimado, exclama:
— «Qual! só mesmo a canivete!»

Grita, e logo um «Não!» bem claro
Ao doce par maravilha...
(O cortinado da filha
Deve ter custado caro!)

— «Não!» — repete a mãe, de fóra—
«Não córte, é falta de geito...
Póde ficar um defeito,
Valha-me Nossa Senhora!»

PEDRO RABELLO
(PIERROT)

PETRONIOS OFFICIAES



MAYA MONTEIRO

(Chefe honorario do Protocollo, no Itamaraty)

PETRANIOS OFFICIAES

MAYA MONTEIRO

Era nos ultimos annos da monarchia. Affeição á casa imperial, os barões de Maya Monteiro viviam na intimidade do Paço, quando o céo os brindou com um filho varão, que foi, logo, registrado na nobiliarchia official.

— Ha de chamar-se Pedro de Alcantara, e será afilhado de Sua Magestade! — declarou o pae.

O padrinho não quiz, porém, que assim fôsse. Filho de um Pedro e pae de outro Pedro, achou o soberano que, levando á pia mais um Pedro, seria, já, muito Pedro na Côte. E, por isso, decretou:

— Terá o nome de Ayres. E' classico, e bonito.

E assim nasceu para a vida civil aquelle que devia ser, um dia, o dr. Ayres da Maya Monteiro, herdeiro presumptivo das qualidades e do baronato do pae.

A infancia do afilhado imperial não teve a importancia que a familia esperava. Exilado o monarcha, não ponde este fazer pelo menino aquillo que teria feito sem o movimento de 15 de Novembro. Em Paris encontrou, entretanto, ainda, occasião de beijar a mão ao padrinho, que lhe dizia, bondoso:

— Deus te faça um homem, meu filho!

E chegando-o ao peito:

— E que o sejas muito cêdo!

Nesse ponto, Pedro II foi um propheta. Aos dezoito annos de idade, Ayres da Maya possuia mais bigode do que um gato, affirmando, nisso, a preponderancia do sexo. E foi com esses bigodes que fez o curso juridico no Rio de Janeiro, onde o nome da sua familia era, em si mesmo, a melhor das recommendações.

Formado, entrou o moço bacharel para o Itamaraty, como funcionario d'aquella Secretaria de Estado. Andava, então, pelos vinte e cinco annos, e era um rapagão alto, espigado, cara de manga-espada, moreno, cabellos negros, e bigodudo como um carabineiro italiano. Typo de arabe, trazia na pelle e nos olhos o calor dos desertos ardentes. E tal era a sua semelhança com os typos daquela raça, que lhe deram, logo, nos primeiros tempos de ministerio, o appellido de «ministro da Syria».

E o que é mais curioso, é que não é só no physico, na forma dos olhos, na feição do rosto, no todo da sua figura, que Ayres da Maya recorda os typos orientaes. Ao vel-o approximar-se nos salões, ás senhoras têm, sempre, impetos de pedir-lhe um carretel de linha ou uma duzia de botões. Quem o encontra na Avenida com a sua bengala de castão de ouro, tem a idéa de tê-lo visto, na vespera, em Inhauma, com uma caixa ás costas, vendendo bordados a prestações. A semelhança é, porém, ainda maior, no senso pratico de que é ornado, e que têm sido, talvez, a fonte das suas maiores contrariedades.

A vida publica do dr. Ayres da Maya Monteiro tem sido toda ella, pode-se dizer, constituida por uma série de pendencias, de questões, de conflictos financeiros com o governo, de que é, aliás, um dos mais devotados servidores. Escolhido para o gabinete de Lauro Muller

quando este eminente homem publico passou pela pasta das Relações Exteriores, disutiu, durante mezes, com a Contabilidade, o direito, que lhe assistia, a uma ajuda de custo para a passagem do bonde. Para demonstrar essa regalia, apresentou o brilhante funcionario quatorze pareceres juridicos, um dos quaes do senador Ruy Barbosa, mostrando que a ajuda de custo é,

para o funcionario, o que é o carvão de pedra para a fornalha da locomotiva».

Nomeado por Domicio da Gama para a Directoria do Protocollo, procurou o filho do Barão de Maya Monteiro imprimir a esse cargo a solemnidade que lhe faltava. Era isso pelo verão, e o seu primeiro cuidado consistiu em saltar em Merity, caminho de Petropolis, para encomendar varios ternos de roupa. Essa encomenda valeu-lhe nova contenda com o governo, a qual durou um anno e seis mezes, sendo, afinal, archivada.

As duas questões mais graves tiveram lugar, porém, com o ministro Azevedo Marques, cuja actividade no Itamaraty consistiu, exclusivamente, em hostilizar o director do Protocollo. Estava no Rio de Janeiro S. Magestade o Rei Alberto, quando o dr. Ayres da Maya recebeu a incumbencia de ir ao Guanabara regularizar um ceremonial. Em caminho, o auto derrapou, indo espatifar-se adiante, atirando por terra, sem sentidos, o passageiro official. Soccorrido, o dr. Maya Monteiro constatou uma fractura no queixo, com a perda de varios dentes. E quando ficou bom, o seu primeiro cuidado consistiu em reclamar do governo uma indemnisação de cem contos de réis.

— Cem contos? — estranhou Azevedo Marques. — Dê-me cem contos, que eu cõro d'aqui e rebento a cabeça no caes!

Ayres da Maya insistiu. Si Lauro Muller havia dado vinte contos por dois dentes de Sylvio Roméro Filho, quebrados em Jacarepaguá, era natural que cinco dentes valiam cinquenta contos, tendo-se a acrescentar, ainda, cinquenta, pela fractura do queixo.

Outro ministro teria, sem duvida, deferido o requerimento da victima, pagando-lhe o queixo pela verba Material. Azevedo Marques foi, porém, inclemente, obrigando o seu illustre auxiliar a recorrer á Justiça, onde se encontra, actualmente, com os seus dentes, no Supremo Tribunal.

De outra feita, surgiu outra questão séria. Nomeado para uma grave missão elegante, Ayres da Maya adquiriu uma cartola, e mandou a conta ao Ministerio. Azevedo Marques indignou-se.

— Não pago; o Ministerio não tem cabeça, para usar cartola! — declarou.

— Disso sei eu, — replicou Maya Monteiro. — Isto é um ministerio maluco!

Firme no seu ponto de vista, o funcionario insistiu. O cargo que lhe deram, sem que elle o tivesse pleiteado, obrigava-o a despesas extraordinarias, que elle não podia prover. O governo tinha, pois, o dever de fornecer-lhe aquillo que, pelo protocollo, lhe era exigido.

— Mas, quem redigiu o protocollo não foi o Senhor? Si não tinha cartola, porque, ao redigil-o, não escreveu, em vez de cartola, chapéo de palha?

Azevedo Marques é, como se sabe, um polemista formidavel. Quando empacava num ponto de vista não ia para deante nem que lhe fizessem uma fogueira debaixo da barriga. Incompativel com elle, Ayres da Maya pediu demissão, preferindo o cargo de introductor diplomatico.

E lá está, no palacio da rua Larga, a exercer honestamente as suas funcções, á espera, apenas, que um Embaixador ou um ministro lhe pise nos calos, para pedir uma indemnisação, pelos sapatos, a qualquer paiz estrangeiro.

Rodin



Much a' do about nothing

(Do «Diário» de Eglantina) - Por JAB

JANEIRO, 4. — Ha um mysterio angustioso e terrivel de que falamos muitas vezes em voz baixa, e de coração oppresso. E' o mysterio da noite de nupcias, — assumpto que nos vem sempre á imaginação e que não queremos, nunca, aprofundar.

Actualmente, sendo eu noiva, tenho calefrios, ao pensar em tal cousa. Parece-me que eu me cobriria de vergonha se falasse nisso a Julião; e, no entanto, não terá elle de ser o meu guia nessa noite amedrontadora? Que me dirá elle?... Meu amor não se dissipará, á luz da verdade, como áquelle de Psyché? Forçada a instruir-me, com antecedencia, com as minhas amigas casadas, procurei Violeta, que esposou, como se sabe, um velho intoleravel e rabugento. A' minha pergunta, ella respondeu, logo:

— Afasta o teu pensamento disso, pequena! Tu saberás, infelizmente, na hora, o que é esse episodio triste da vida. Não te apresses, ouviste? Não te aprêsses...

E eu vi que duas lagrimas, duas gottas luminosas, brilhavam, de subito, nos seus olhos castanhos.

Mais inquieta e curiosa, ainda, pelo mysterio d'essa resposta, corri a Clarice, cujo marido é tão joven e encantador como o meu noivo. Ao ouvir-me, ella se deixou ficar distrahida por um instante, a contemplar, de longe, a alta silhueta de seu esposo. Em seguida, como eu insistisse, soltou uma gargalhada, possuida de uma hilaridade sem fim... Desconcertada, lamentei haver lhe feito semelhante confidencia, tanto mais que a minha amiga parece ter contado o caso ao seu marido, que começa a sorrir, toda a vez que me vê.

Que segredo é, então, este, que faz rir a uns, e a outros faz chorar?

FEVEREIRO, 25. — Esta noite, é a minha noite de nupcias... Oh, Deus! que me irá acontecer? Pela manhã, quando eu acordei; mais tarde, ao coroar-me de flores de

laranjeira; e, enfim, agora, á noite, ao despedir-me de mim, minha mãe me alarmou ainda mais, desvendando-me imperfeitamente o mysterio.

— Minha filha, — disse-me ella, suspirando, — recorda-te de que são precisas, nas duras provas nupciaes, muita obediência e resignação.

E apertando-me contra o seu coração, em soluços:

— Pobre filha! Coitadinha! O homem não suspeita, sequer, o mal que faz, neste mundo, á mulher que escolheu! Deus permita que teu marido comprehenda os teus horrores, os teus soffrimentos, a tua repugnancia! Desgraçadas creaturas somos nós, minha filha, nós, as mulheres!

E num beijo:

— Coragem, filha da minh'alma! Conserva nesses crueis momentos de provação, toda a submissão moral e physica.

Aterrorrisada, eu ouvi tudo isso, as temporas latejando, o espirito em sobresalto. Minha mãe me fez jurar, mesmo, que eu lhe escreveria amanhã algumas linhas, para pô-la ao corrente do que se passar. Meu Deus! em que segredos terriveis vou eu ser iniciada? Mas... ouço passos... E' Julião, que se approxima... Parece que vou morrer e, no entanto, eu não queria estar senão perto d'elle!...

FEVEREIRO, 26. — Querida mamãe.

Por que me amedrontar tanto, por tão pouco? Sua filha, feliz por toda a vida:

EGLANTINA.

Jab



THEREZINHA

Conto de BATU ALLAH



Empregados, desde meninos, como caixeiros, na mesma casa commercial. o Antonio Marques e o Joaquim Pereira, portuguezes de boa tempera, acabaram tornando-se amigos, quasi irmãos. Exilados, ainda na infancia, nesta banda do mar, viveram, a principio, de saudades, trocando pensamentos sobre a patria longinqua. Pouco a pouco, porém, esta se lhes foi apagando no espirito em formação, cedendo lugar aos ideaes de fortuna, de trabalho, de vida nova na sua terra adoptiva.

Aos vinte annos, a amizade que os ligava na meninice não havia ainda, arrefecido. Pelo contrario: estavam mais unidos, mais presos, mais approximados, e a tal ponto que, quando o Joaquim falou na possibilidade de constituirem familia, o Antonio lembrou:

— Eu tenho, cá, uma idéa.

— Bota-a p'ra cá, — ordenou o outro.

— E' a seguinte. Em vez de nos casarmos, arranjam os por ahí uma boa pequena, montamos-lhe uma casa, e continuaremos a viver juntos, da mesma maneira. As despesas são menores, e, quando a gaja não servir, mandamol-a bugiar. E' mais pratico, mais seguro, e mais economico.

— Tens razão. E' boa a idéa... E tu já pensaste quem pôde ser a pequena?

— Ainda não. Mas, quem sabe se a Ritta aquella morena, não acceitaria?

— E eu até gosto d'ella.

— E eu tambem.

Um mez depois, estava a Ritta installada em uma casa de villa, em São Christovam, em companhia do Antonio e do Joaquim. E no fim de onze mezes, dava ella ao mundo uma creança do sexo feminino, mais clara do que a mãe, e em cujos traços delicados o sangue mestiço se apresentava mais fino, mais claro, mais aperfeiçoado.

— A menina é minha filha! — affirmou, peremptorio, o Antonio, com a sua tendencia para constituir familia.

— Tua, uma ova! — protestou o Joaquim. — O nariz é como o meu, e não ha quem, ao vel-a, não diga que eu sou o pae!

— Mas os olhos parecem com os meus!

— Isso não! Isso não! A menina ou é filha de um, ou de outro. Dos dois é que não pôde ser!

E iam se azedando, quando o Joaquim opinou:

— Pois, bem; não se decide isto agora. Quando e pequena crescer, é que se resolve.

Um a um, monotonos e longos, passaram-se os annos. De empregados, que eram, da mesma casa commercial, os dois amigos passaram a socios. E assim como o eram no estabelecimento, continuaram a sel-o na casinha da Ritta, promovido a palacete, no qual a Therezinha crescera, e era, agora, uma encantadora morena de dezeseite annos.

Quarentona e gorda, a Ritta perdia, de dia para dia, as qualidades que haviam attrahido, dezoito annos atraz, os dois amigos inseparaveis. Quanto a estes, mostravam-se ainda fortes, robustos, apenas um pouco obesos, como consequencia da vida sedentaria e, quasi, sem emoções. E levavam, assim, a existencia quando o Antonio, ao voltarem os dois do almoço, bateu no hombro do socio:

— Sabes, Joaquim, de uma cousa?

— Que é lá?

— E' que a Therezinha é tua filha mesmo!

— Minha, não; é tua! — protestou o outro, dando um passo atraz.

— E' tua; e eu vou casar com ella!

— Não, senhor; é sua; e quem casa sou eu!

E foram-se ás unhas, disputando a mulata.

Bathu Allah

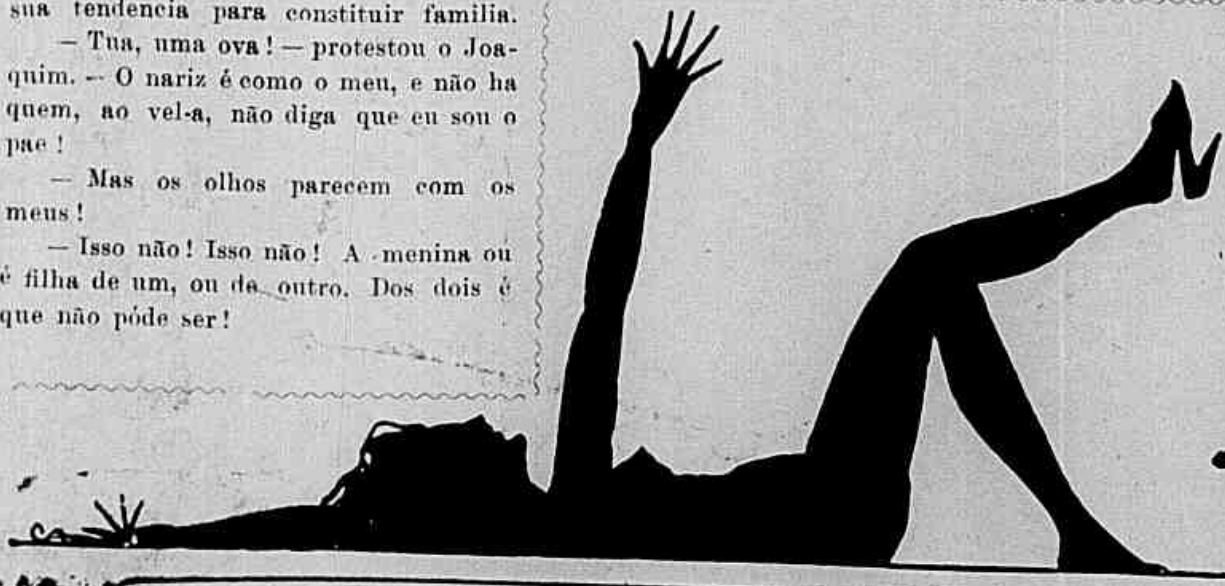
Incompatibilidade

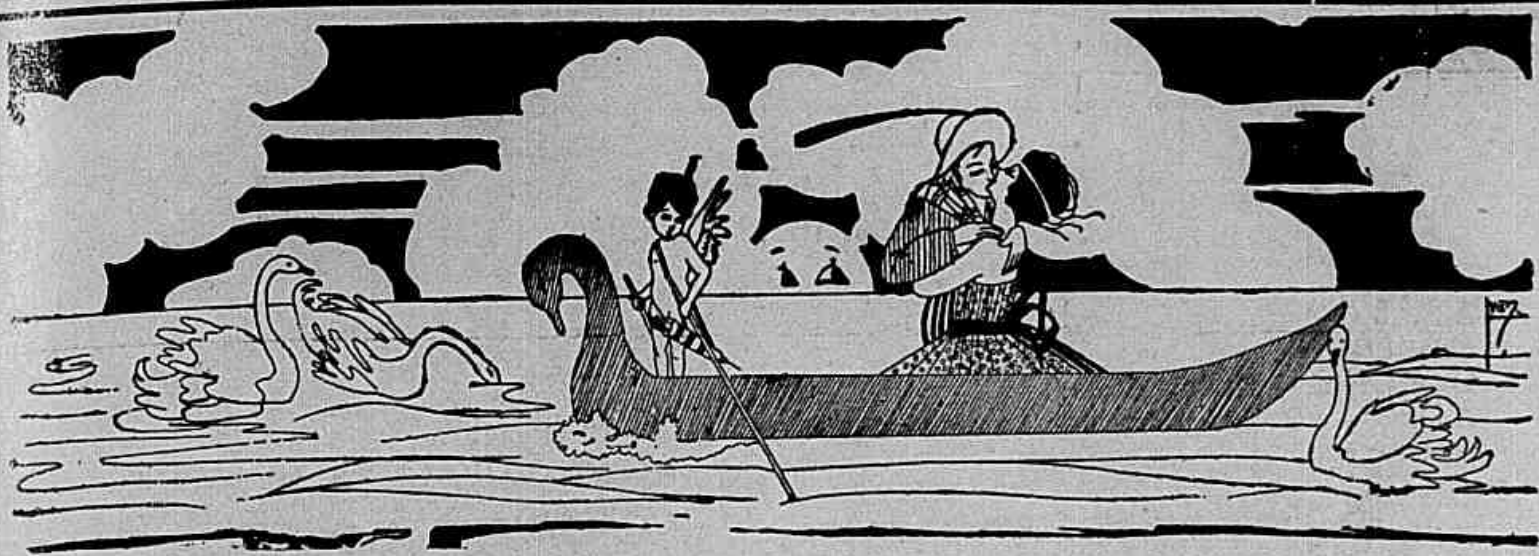
Ha mentiras que parecem verdade. E o que se diz d'aquella honrado capitalista de S. Paulo, deve estar neste caso.

Possuindo uma filha unica, o poderoso cammerciante casou-a com um rapaz do Rio, que recebeu, como dote, uma casa mobiliada e duzentos contos em dinheiro. Anno e meio depois, agora pelo Carnaval, madame foi visitar o

pae, e não voltou mais. Melhor: quem veio foi o velho, para dizer ao genro que a esposa não tornaria a seus braços, porque... ainda não lhe tinham dado um neto.

E justificou, decisivo: — Então? Esse facto não demonstra que vocês não foram feitos um para o outro?





OS DOIS "BASSETS"

Conto lithuano de TCHIM

Entre Odessa e Katerinoslaw, na famosa Tchernaiá, a fértil região das terras negras, que fazem a fortuna dos seus felizes proprietários, o conde Cyrillo Oskurossoff vivia ao lado da sua encantadora companheira, a joven condessa Nadia.

Durante o outomno e o inverno, elle caçava o lobo nas steppes geladas, ou cavalgava nos espaços immensos que se abriam aos seus olhos, percorrendo verstas e verstas sem chegar ao termo dos seus dominios. Na primavera, as algibeiras pesadas de rublos, ia á Côte d'Azur dispersar sobre o tapete verde dos Casinos o dinheiro que lhe davam os seus rebanhos, as suas usinas de assucar e os seus enormes campos de trigo. Seu intendente, Fedor, o roubava, também.

Ora, enquanto Cyrillo Oskurossoff se divertia assim das maneiras mais variadas, Nadia se aborrecia, embora todos os seus desejos fossem realizados assim que ella os manifestava ao marido.

Certa noite de outomno, em que se fazia, ao lado do fogo, a digestão do jantar, Nadia soltou um profundo suspiro.

— Cyrillo — disse, a voz triste, — Cyrillo, eu tinha tanta vontade de possuir um par desses cãesinhos compridos e baixos, que se diria feitos para limpar o soalho.

— Dois «bassets», talvez.

— Isso mesmo, dois «bassets».

Após se haver abysmado, por um instante, numa reflexão profunda, o conde tomou sobre a mesa visinha um calice de cognac, virando-o de um trago. Era o seu habito, quando elle tinha de tomar uma decisão importante.

— O que tu queres é, então, dois «bassets»; não é, querida? — tornou. — Eu não sei, porém, é onde se compra esse genero de animaes.

— Mas eu quero...

— Tu os terás. Eu vou mandar Fedor, immediatamente, á procura de Samuel Abrahamovitch, o belchior, que me saberá arranjar esses bichos.

— Mandar Fedor a esta hora?

— exclamou a formosa condessa. —

Não penses nisso, A noite, meu amigo,

está horrivel, os lobos uivam no campo e o homem que sahisse agora seria infallivelmente devorado.

— Que importa? — retruca Cyrillo, com todo o seu desdem slavo pela desgraça dos outros.

— Perdão; importa muito, — fez Nadia; — pois, se Fedor for devorado, elle não poderá trazer Samuel Abrahamovitch.

— E' exacto, — confessou o conde; — eu não tinha pensado nisso. Fedor partirá amanhã, pela madrugada.

No dia seguinte Samuel Abrahamovitch, envolto em um enorme capote gorduroso, o bonet de pelle petrificado na mão, guiado por Fedor, apresentou-se ao conde Cyrillo.

— Eu vos saúdo, meu senhor, — fez elle, curvando-se profundamente. — Venho pedir as vossas ordens. Que deseja, meu senhor?

— Eu desejo, primeiro, que vás deixar o teu capote lá fóra, porque eu vejo fervilhando nelle uma infinidade de parasitas e, mesmo, porque está fedendo demais.

— Que o Senhor me perdõe, — murmura Samuel, todo confuso; — mas eu herdei esta vestimenta de Isaac Jacoboff, o anno passado, e elle era um homem pouco cuidadoso...

Abrahamovitch desapareceu, para voltar, immediatamente, despojado do seu capote.

— Senhor?

— Samuel Abrahamovitch, — tornou o conde, com certa emphase; — tu és honesto?

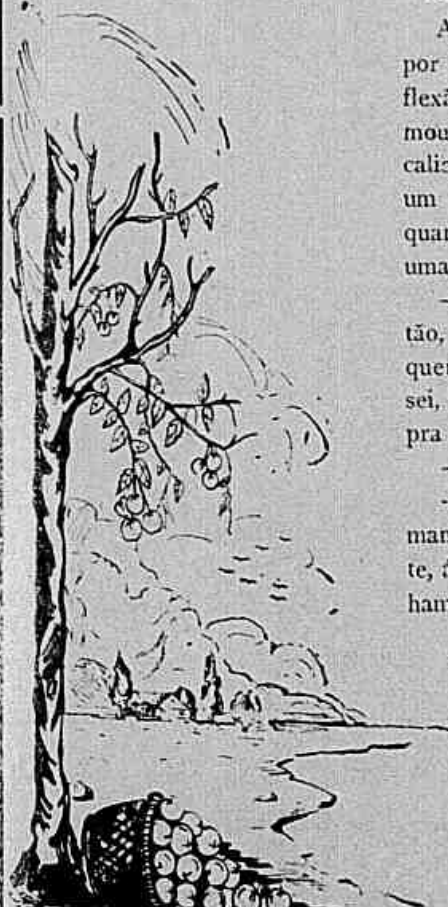
— Oh! Vossa Excellencia poderia duvidar?...

— Bom! Eu te mandei chamar para que me digas porquanto me poderás vender um par de «bassets».

— Um par de «bassets»?

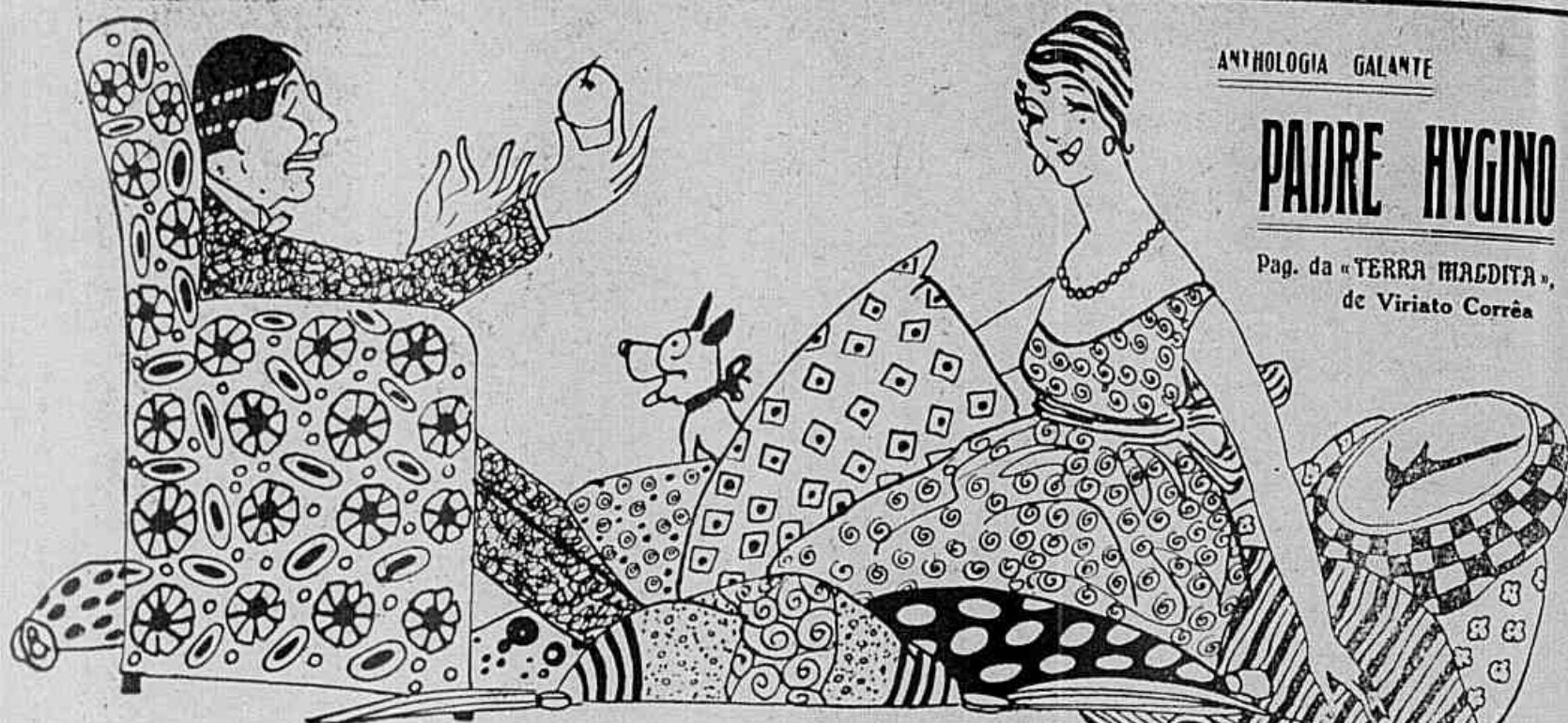
— Sim, um par de «bassets» para minha mulher, a condessa Nadia.

— Ah, Senhor! é uma cousa difficil. Deus é testemunha de que um par de «bassets» é ua cousa difficilima nos tempos



ANTHOLOGIA GALANTE

PADRE HYGINO

Pag. da «TERRA MAGDITA»,
de Viriato Corrêa

Houve um rumor de passos lá por lonje, nas folhas, á subida do oiteiro. Era a Dorotêa, que áquella hora voltava de um encontro com o Nô-nato.

O padre Hygino desvairava completamente. Eram os passos da Deolinda, eram della, sim, machucando as folhas secas!

E ficou á escuta, suspenso, gelado, tiritante, mas com um fogo aceso em toda a carne.

Os passos soavam mais proximos. O vulto de um vestido assomou no alto da barreira, alvejado pelo luar.

Aos seus olhos esplenden o quadro do riacho. Era a Deolinda! E lá estava ella, por traz da arvore, com aquelles olhos fuzilantes, pretos, perigosos, a chama-lo, a chama-lo. Psiu, psiu!

No alto da barreira, a Dorotêa, de pé, olhava pra frente, atrás, que nem a sondar o caminho.

O padre partiu, como um toiro, para ella. Agarrou-a bruscamente pela cinta e tentou derriba-la. Ella teve um susto, um grito, um arranco, mas elle, unido ao seu corpo, apertava-a, junjia-a a boca junto á sua boca, para a beijar, as mãos crispadas nas roupas, para as romper. E, cada vez mais a boca á sua, fungando, os olhos fagulhantes e os dentes a rilhar.

Atracaram-se. Ella empurrou-o com os dois braços, quiz sufocar-lhe o pescoço, tentou defender-se com as pernas, mas de tal maneira elle a abraçava e prendia que ficou de forças mortas, inativa e dominada. E foram andando aos tombos, aqui, ali, ora rolando no chão, ora de pé, sempre atracados, arfando e roncando e gemendo. Os olhos do padre coruscavam de meter medo, os braços mais forças ganhavam e as narinas, aspirando e soprando, tinham sons arquejantes de fôle. E não dizia palavra, a fungar, a ranjer os dentes, comprimindo-lhe ferozmente os braços, com a boca quasi unida aos labios della. Rouquejavam. A Dorotêa tinha o cazaco já rasgado de alto a baixo e os turjidos seios, de fóra, premidos pelo peito della. O cabelo dezabou-lhe, amarfanhado, pelos hombros, o chale da cabeça rolou no chão espezinhado.

Elle rasgava-lhe a camisa.

Pela placidez da lua ouvia-se apenas o rouco resfollegar dos dois. E lutavam. A respiração da Dorotêa era abafada de cansaço, angustioza, suplice, torturada. Rolavam sem saber por onde. Ella havia ralado as pernas numas pedras e ferido o pescoço numas varas. Elle vencía-a, dominava-a, num atracão de giboia e desvairado, prodijiozo e feroz arranhava-a, estreitando-a mais e mais, já com a boca ventozamente colada á sua boca.

Compreendeu que estava a despi-la. E rezistiu, fincou o pé, tentou debalde desviar-lhe as mãos, mas o louco tolhia-a, rasgava-lhe inteiramente o cazaco e despedaçava-lhe agora a saia e as anagoas.

Ella soltou um grito estremecido e bruto. E' que estavam a cinco passos d' «peráu». E rezistiu gigantescamente, em vão. Arrastava-a aos poucos, polegada a polegada, mas arrastava-a sempre, a bufar, o labio sugando o seu, a chupal-a, a sorvela, como uma sanguessuga sedenta. A saia caíra-lhe em frangalhos no chão, e agora estava apenas em camisa, transparecida pela alvura diafana do panno ralo.

Mais dois ou trez passos — o abismo.

E pôz-se a gritar, a torcer-se, numa revolta trajica de nervos, esperneando, debatendo-se na epica exploração do instinto. O padre havia-lhe rasgado a camisa a meio e, nua, inteiramente nua, contorno a contorno, brilhava e resplandecia ao luar, a carne estuando num arrepio maximo de conservação. Gritava, gritava. E, de costas para o abismo, elle afogava-lhe a cabeça ao seio, o rosto contraído e alvar, ora rindo, ora mordendo-a, numa alegria voraz de tigre, todo colado a ella, a boca cheia de espuma, as pernas trançadas ás suas, arrastando-a, arrastando-a...

Um grito, um baque e, pelo morro, apenas a alva serenidade do luar de outubro, espalhada, silencioza e tranquilamente, por cima da terra...

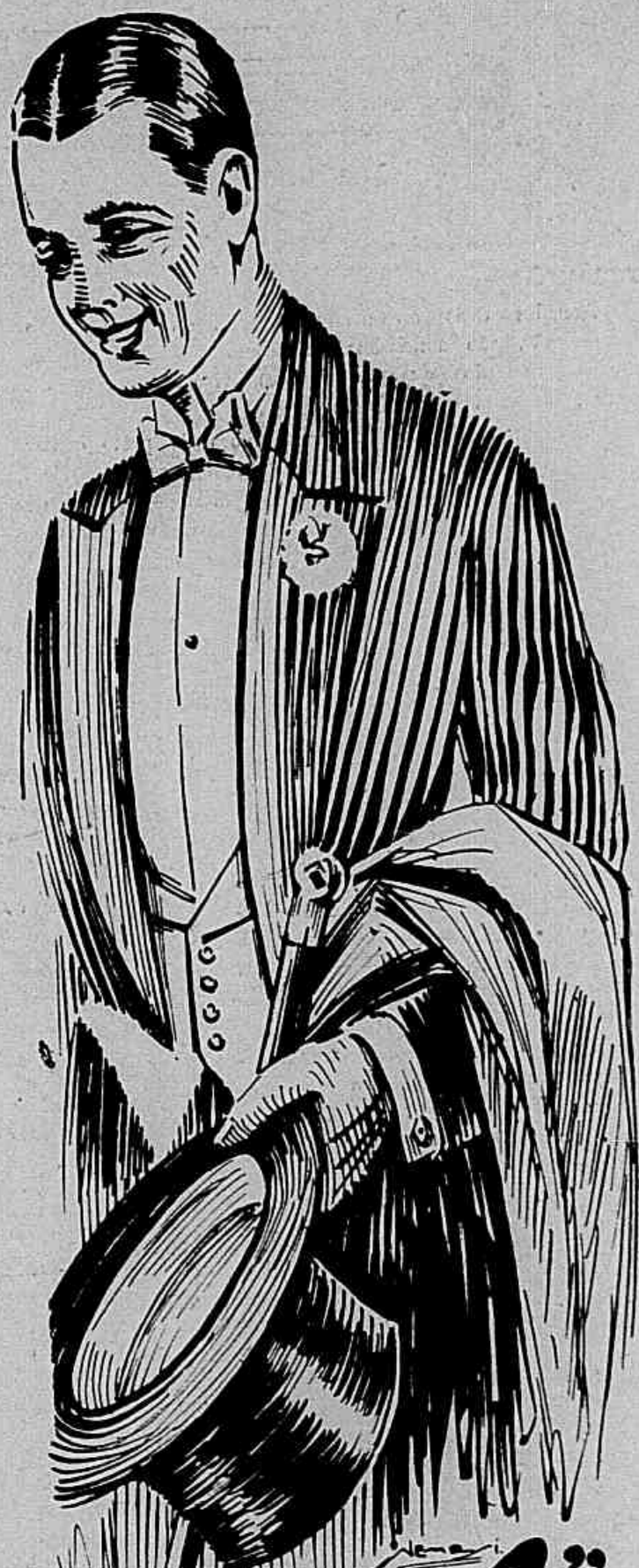
Viriato Corrêa



O grão de distincção de um homem
póde ser avaliado pelo apuro
do seu vestuário

Si quereis vestir com apurada elegância, visita, pois, as nossas vitrines, onde encontrareis o que ha de chic, fino, e distincto, em **gravatas, meias, camisas, chapéos** e demais artigos para homem.

Encantae por um momento os vossos olhos de homem de gosto nos sumptuosos mostruários da



"A Capital"

PEQUENOS CONTOS DE FRANÇA



O PURGATIVO

Por BERNARD GERVAISE



A MÃE — Ainda não fez effeito, doutor! Nunca vi uma cousa assim!

O MEDICO — Nenhum effeito?

A MÃE — Absolutamente nenhum. Eu chego a pensar que o pharmaceutico talvez se tenha enganado ao preparar a receita.

O MEDICO — Seria possivel? Mostre-me o que ficou no fundo da garrafa.

A MÃE — Aqui está, doutor; veja.

O MEDICO — Hum! hum! Não; não houve erro. E' esta mesma a poção laxativa que eu receitei... É a senhora deu como eu prescrevi: dois calices, dos grandes?

A MÃE — Sim, senhor. E os nossos calices são bastante grandes... São d'estes...

O MEDICO — De manhã, em jejum?

A MÃE — Sim, senhor.

O MEDICO — E com um quarto de hora de intervalo?

A MÃE — Sim, senhor; contado a relógio.

O MEDICO — E' interessante. In-

teressante e incomprehensivel!

JULINHO — (derretendo-se em lagrimas) — Hi! hi! hi! eu sei... porque é... que não fez... effeito... Eu sei... hi! hi! hi!...

O MEDICO — Que foi, meu bem? Diga...

JULINHO — Eu não quero dizer... hi! hi! hi!...

A MÃE — Vamos, filhinho, diga! Eu lhe dou duas moedas para o cofre... Diga!

JULINHO — Eu quero mais... Eu quero cinco moedas... Eu quero que não me castiguem... quando eu disser... hi! hi! hi!

A MÃE — Pois, bem; eu dou... Que foi que tu fizeste? Vomitaste a poção?

JULINHO — Hi! hi! hi!... Eu não vomitei a poção... Mas eu não fiz effeito... porque eu estava brincando com a garrafa... hi! hi! hi!... e engoli a rôlha!...

Bernard Gervaise

que correm... Quanto, porém, Vossa Excellencia quer despendar com essa com pra?

— Eu não sei, exactamente. Mas parece-me que... vejamos... trezentos rublos?

— Oh! Vossa Excellencia gosta de pilheriar! Trezentos rublos por um par de «bassets» é absolutamente impossivel!... Trezentos rublos! E' quinhentos rublos que Vossa Excellencia quer dizer?

— Está bem, seja; quinhentos rublos. Mas, tu já sabes; é preciso que sejam muito bonitos, os dois «bassets».

— Ah! Senhor! E' um bonito par de «bassets» que Vossa Excellencia deseja?

Vossa Excellencia não me havia dito... Oh! Então, que o Senhor me perdôe, mas ha justamente no mercado uma falta enorme de «bassets» bonitos... Para os de segunda qualidade, quinhentos rublos podiam bastar, mas os de primeira não se encontram por esse preço. Si Vossa Excellencia quer «bassets» bonitos, é tolíce procural-os por menos de oito centos rublos.

— Por São Wladimir! oitocentos rublos é uma fortuna! Em fim, se elles fôrem bonitos, eu pagarei os oitocentos rublos. Mas com uma condição: eu quero que os dois «bassets» sejam absolutamente eguaes...

— Como?

— Como, o que? Que um seja igual ao outro.

— Oh, Senhor; eu não tinha comprehendido bem. Vossa Excellencia é por demais exigente! Vossa Excellencia quer um par de «bassets» muito bonito, e semelhantes, e isso é cousa que não tem preço! Meu primo David Irraeff escrevia-me ainda ha pouco tempo dizendo-me que não se os podia encontrar senão a preço muito elevado. Elle procurara um par na feira de Nijin-Novgorod para sua Alteza o principe Yvan Dimitroff, e teve que desembolsar mil rublos para os adquirir.



— Mil rublos?

— Mil rublos, sim, Senhor! E Deus é testemunha de que eu não os poderei fornecer por menos... ainda sem ganhar um kopek... e talvez tendo de tirar do meu bolso... Mas isso é o menos... Não ha sacrificio que eu não faça para agradar a Vossa Excellencia...

— E' horrivel!.. Emfim, como a condessa os quer... Eu te pagarei mil rublos, se tu me garantes um par de «bassets», bonitos, e absolutamente eguaes.

— Oh, por isso, Senhor, eu juro, por Moysés!

E inclinando-se até o chão, Samuel Abrahamovitch ganha a porta.

De repente, porém, volta-se, hesitante, arranhando com a unha suja a ca-belleira gordurosa, e dá alguns passos na direcção do conde Cyrillo.

— Senhor, — murmurou, a voz baixa, — é um negocio fechado, e eu não voltarei atraz na minha palavra! Por mil rublos, eu trarei a Vossa Excellencia dois «bassets» muito bonitos e absolutamente eguaes... Mas, permitti-me uma pergunta.

— Falla.

— Que são dois «bassets»?

Tchim

— O seu alfaiate veste-o mal?

Nós o vestiremos bem.

— O seu alfaiate veste-o bem?

Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A **ESTRELLA BRANCA**
(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Uruguayana — 146

ODORANS

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: Líquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, & Co.

PAGINA PORTUGUEZA

O PROBLEMA DA PATERNIDADE

Apezar do matrimonio ser hoje, depois das leis do registro civil e do divorcio, uma instituição ao alcance, não só de todas as bolsas, mas de todas as phantasias, o meu presado amigo e correligionario politico Serapião era completamente avêssio ao casamento.

Partidario do amor livre, suprema expressão, no dizer d'elle, da união dos sexos, — união que, ao contrario da opinião geral, faz a fraqueza — era autor d'um projecto de Lei do Concubinato, com senhoras pagas aos mezes, tres arrendamentos e dois fiadores, uma lei, enfim, muito completa e que espero ainda vêr posta em pratica no nosso paiz.

Dizia Francisco I que «souvent femme varie». Em casa do Serapião variavam immenso. O dito do rei de França até posto em musica — «la donna é mobile...» — lhe era applicavel, pois que, como não tinha mobilia propria, as damas, que quizessem viver com elle, tinham que ser «mobilées». Só uma vez o vi um pouco embeicado por uma gentil morena, que tinha certa pena, não de que as mais raparigas lhe chamassem nomes, mas de que o Serapião fosse tão vo'uvel. Pouco depois encontrei-o com uma loura e, d'ahi a tempos, tendo vindo á supuração a historia da morena, o Serapião, com voz melancolica, contou-me a sua aventura.

— Imagina tu, meu bom amigo, que eu era feliz com aquella mulher. Ella era a'egre, rechonchuda e completamente destituida de senso commum. Era a mulher que me convinha. Para mais, aconteceu por acaso que uma bella manhã, ao acordar, ella me segredou que estava em disposições de me tornar pae dentro de alguns mezes. Agradei penhoradissimo — pois na vespera tinhamos tido uma penhora — as suas boas intenções e lembrei-me d'aquelle proverbio arabe, que diz: — «Um homem, para cumprir o seu destino na vida, deve ou ter um filho ou plantar uma arvore ou escrever um livro.» Ora escrever não é o meu principal defeito. Plantar arvores não é a minha especialidade... Sentia-me, pois, feliz ao saber que tinha cumprido a primeira parte do rifão arabico.

No dia em que a minha collaboradora teve a annunciada extravagancia,

eu estava occupadissimo n'uma partida de bisca com varios amigos, n'um retiro fóra de portas, onde a cerveja era optima e o vinho branco muito sympathico. Bisca foi ella que durou quasi oito dias e, quando cheguei á casa, não direi que o meu filho já fumava e dançava «o vira»; mas o certo é que já tinha sahido, desconfio que ao colo da mãe, porque ella tambem não estava, por mais que eu a procurasse debaixo dos moveis e da cama. Nunca mais o vi; isto é, não o cheguei mesmo a ver.

— E a mãe?

— «A mãe, proseguiu o Serapião, encontrei-a n'outro dia. Estava encantadora e bem parecida. Estendi-lhe a mão sem rancor e, depois de falarmos de mil coisas, á despedida, lembrei-me do pequeno e perguntei:

— E' verdade... Que é feito do petiz?

— Deixa-me cá, respondeu ella. Tenho tido uma vida infernal. Imagina tu que estou casada.

— Casada!?

— Sim. Casei com um excellente homem, que estava doido por mim. Gostava immenso do garoto e tanto que, ao casar commigo, reconheceu o meúdo, como sendo d'elle.

— E' demais, exclamei eu furioso. Então, eu estou com aquelle trabalho todo para vir um patusco e aproveitar-se das minhas habilidades? Ah! Mas isto não fica assim. Vou queixar-me á policia. Isso é, nem mais nem menos, do que um desvio de menor.

A pobre pequena deu-me todas as satisfações... O homem não tinha feito aquillo para me desconsiderar. Era uma esplendida pessoa, incapaz de tirar qualquer coisa ao seu semelhante... Para me convencer, acrescentou:

— Tanto assim, que eu vou falar-lhe e o primeiro filho que eu tiver d'elle agora ha de ser para ti...

E o Serapião, chupando uma beata, rematava a historia:

— «Agora sempre quero ver o que o tal amigo me arranja.

André Brun





"POTINS"



Precaução

Aquellas duas creaturinhas, parecidissimas como se fossem irmãs, são amicissimas. E como são dois pequenos demonios, (um dos quaes é myope), vivem a fazer, uma á outra, perfidias encantadoras.

Um d'estes dias a que anda agora de preto contava á companheira um «flirt» iniciado no Fluminense.

— E' um rapaz encantador, — dizia, — Assim que me viu, começou logo, a olhar-me seguidamente. Mas, então, para disfarçar, olhava um pouco por baixo...

— Como ?

— Olhava um pouco por baixo...—repetiu a outra, ingenua.

— Minha Nossa Senhora!... fez a amiga.

— !...

— E tu estavas de calça ?

O bombeiro

Não é, propriamente, um caso mundano, mas tem sua graça. Não obstante a condição da sua familia, aquelle rapagão, antigo bohemio e quasi campeão de regatas, acabou por sentar praça no Corpo de Bombeiros, onde tem realizado prodigios. E entre estes, está a conquista das creadinhas de Botafogo, que tem, por elle, a maior admiração.

Uma destas noites, confessava o rapaz a sua paixão ardente a uma encantadora mulatinha da Voluntarios, quando, defendendo outra que esta accusava, declarou :

— Por essa, não; por essa, eu metto a mão no fogo.

— Vai!—fez a mulata, com espanto.

E peremptoria :

— Não é para isso que você é bombeiro?

Mascaras infecciosas

Durante o carnaval innumeras pessoas cometeram a imprudencia de usar mascarar emprestadas. Ora, muitas vezes o dono da mascara é portador de qualquer molestia da pelle que se transmite pelo suor. E' assim que muitos rostos soffrem radical transformação; de lindos, passam a feios e povoados de espinhas, cravos, etc., sendo necessario, para evitar e curar esses males, iniciar sem perda de tempo um tratamento energico.

As leitoras que estão no caso, se quizerem obter a volta da formosura inconscientemente perdida, devem, á noite, ao deitar, fazer applicações de creme de cera purificado, por ser o unico que absorve a epiderme velha dando lugar á subsequente, que é tão macia como a dos petizes de tenra idade. As perfumarias e drogarias já estão vendendo esse produto e por preço razoavel.

A pelle de Petronio

Durante muito tempo circulou no Rio um boato, que era cochichado pelos salões.

— Sabes por que o desembargador Ataulpho tem boa pelle? — indagavam as senhoras.

E informavam, logo :

— E' que elle lava o rosto com leite !

A origem d'esta lenda é, entretanto, curiosa. Alimentando-se quasi que exclusivamente de lacticinios o illustre magistrado tem um empregado cuja funcção consiste em deixar, diariamente, garrafinhas de leite na barbearia, na Academia de Letras, na Corte de Appellação, e em outros logares por onde elle passa habitualmente. Certo dia, estava o desembargador no barbeiro, quando entrou o rapaz com a garrafinha, que elle esvaziou a um canto,

junto ao lavatorio. Um «almofadinha» que viu o desaparecimento do liquido, sahiu a espalhar que o leite era para o rosto. E não foi possivel, mais, deter o boato, que continua em circulação.

Saibam, pois, as damas, que Ataulpho de Paiva não usa o leite por fóra: usa-o por dentro.

O beijo

Ha muito tempo, o conhecido operador, que tem escripto verdadeiros poemas com o seu bistury, fazia a corte á esposa d'aquelle collega, senhora cuja virtude não fóra, jamais, maculada. E tanto insistiu, mezes e mezes, que ella consentiu em dar-lhe um beijo nos cabellos grisalhos.

— Esse beijo, que significa? — perguntou elle, espantado com a dadiça.

E ella, triste :

— Este beijo, é um traço de união entre o amigo que foi e o amante que ainda não é!

A frase, como se vê, é linda, como quem a proferiu.



PARA MOLESTIAS DA PELLE



Dr. Eduardo França

EXIR DE
SROGUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE ! USAE ! USAE !

tinha... me chama de bemzinho... eu também chamo elle de bemzinho... e está tudo acabado... E' melhor assim... Ao menos eu não enveneno a vida delle, nem a minha.

ZAZA — E a senhora, mrs. Tiperary? Se seu marido lhe enganasse? Que é que a senhora fazia?

ZEZE — E'... a senhora... Mrs.?

MRS. TIPERARY — Oh!... Mas elle non me engane...

ZAZA — Sim... eu creio... mas... por hypothese... Se elle enganasse?

MRS. TIPERARY — Oh!... Se elle me enganasse, eu non via... e quem não vê é como quem non sabe... E'... mas isso non acontece... porque uma ingleza nunca é enganada pelo marride... Oh!... Nunca!...

ZAZA — Então ellas nunca são enganadas?

MRS. TIPERARY — Oh!... Sim... algumas vezes... mas sempre pelas amigas...

ZEZE — E a senhora nunca foi enganada por uma amiga? Falle com franqueza... Não tem nada... E' uma coisa humana... Estamos aqui entre camaradas...

MRS. TIPERARY (candidamente) — Sim... Sim... Eu foi enganada por uma amiga...

ZEZE — E que é que a senhora fez com seu marido?

MRS. TIPERARY — Oh!... Com elle? Nada. Se eu não foi enganada por elle...

ZEZE — E com ella?... Que fez? Brigou?

MRS. TIPERARY — Oh!... mulher ingleza nunca perde self-control... Tirei uma conta de «Duas libras» e mandei...

ZEZE — E ella pagou?

MRS. TIPERARY — Mandou pagar cinco shillings...

ZEZE — A senhora deu o dinheiro de esmola?

MRS. TIPERARY — Eu dei cinco shillings a mr. Tiperary e elle ficou muito offended...

ZEZE — Com a senhora?

MRS. TIPERARY — Oh!... Commiga non... Com a outra... e nunca mais foi tomar chá, nem jogar bridge em casa d'ella...

ZIZI — Engraçados... esses inglezes...

MRS. TIPERARY (para Zézé) — E senhórré? Diga também... Nunca foi enganada por seu marride?

ZEZE — Eu?... Eu?!... Oh!... Mrs. Tiperary?

MRS. TIPERARY — Oh! Diga... diga... hoeestly...

ZIZI — E'... a mrs... já contou... é preciso que os outros contem também... Estamos entre camaradas...

ZEZE — Eu?... Sim... Uma vez... Mas castiguei o Octaviano... Tinha jurado que elle havia de dormir, trez mezes, no divan...

ZIZI — Chi!... E elle dormio?

ZEZE — Não houve remedio... Eu tinha feito um juramento solemne... Tive de cumprir... Depois me arrependi...

ZIZI — Teve pena delle?... Coitado!

ZEZE — Coitada de mim... Imaginem que foi no verão... fazia um calor horrivel... e eu... para não quebrar o juramento... tive de dormir tres mezes num divan-sinho em que mal cabia uma pessoa.

MRS. TIPERARY (rindo gostosamente) — Oh!... Oh! Oh!...

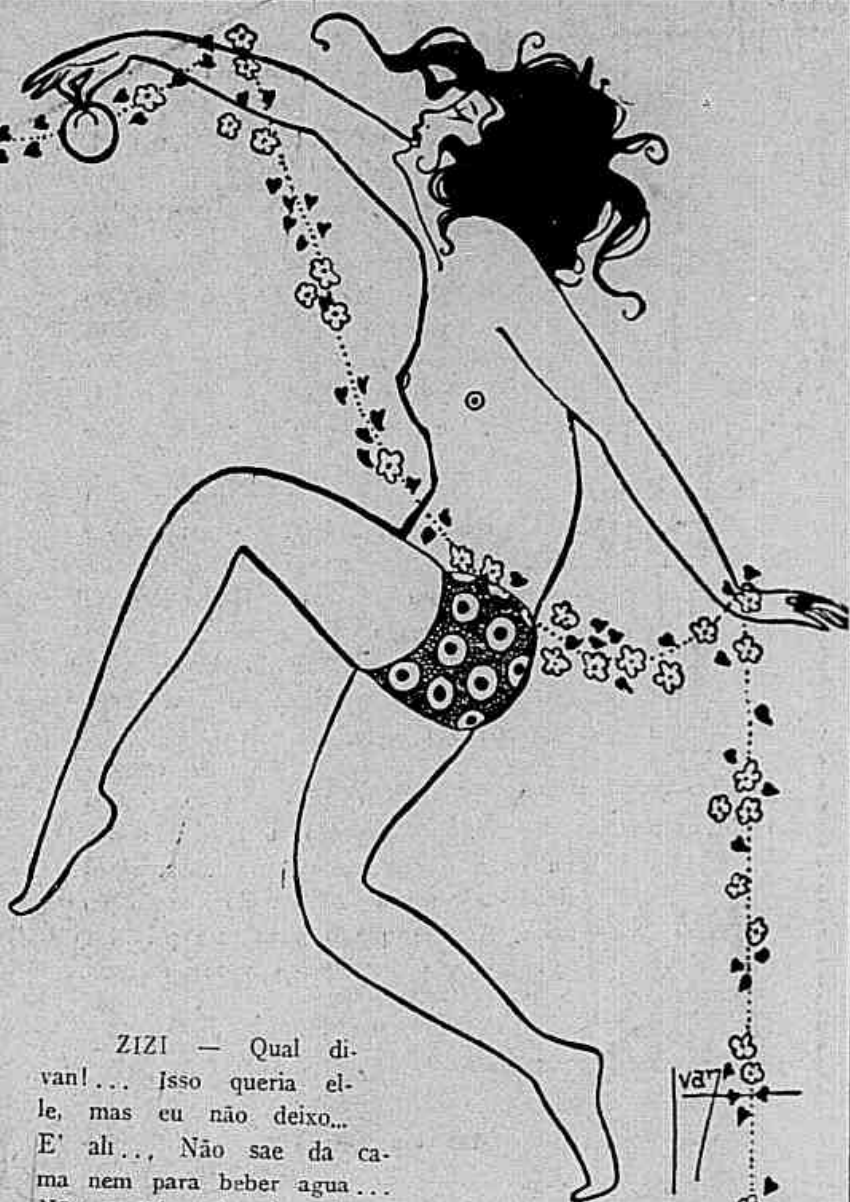
ZAZA (para Zizi) — E a senhora que fez quando seu marido lhe enganou?...

ZIZI — Quando elle me enganou?... Mas elle nunca me enganou... elle não me engana... Eu o conheço as léguas... como as palmas de minha mão... A mim não engana... Quando elle vem com os cajús eu já vou voando com as castanhas.

ZAZA — Pois é isso... Quando elle vem com os cajús... Que é que a senhora faz?... Não o deixa dormir na cama?

ZIZI — Não... não o deixo dormir... na cama...

ZEZE — Tem também um divan?



ZIZI — Qual divan!... Isso queria elle, mas eu não deixo... E' ali... Não sae da cama nem para beber agua... Não o deixo dormir toda a noite...

ZEZE — Que vingança!

MRS. TAPERARY — E senhórré... Done Zázá?

ZAZA (levantando-se) — Ah!... Eu?!... Não vê!... Quinzinho nunca me enganou... Posso jurar!

MRS. TIPERARY — Jure sobre Biblia?!

ZAZA — Juro...

ZEZE — Não vá jurar como o caboclo que beijava os dedos em cruz e virava para o lado dizendo: «Deus me perdoe... estou jurando de mentira!» (riso)

ZAZA — Quinzinho nunca me enganou... e por fallar em Quinzinho... deve estar na hora delle chegar... Vou arrumar um pouquinho... Com licença... (sae)

SCENA 2.^a

Zézé, Zizi e Mrs. Tiperary

ZEZE (levantando-se) — Também vou me arrumar, para ir esperar o Octaviano na praia... Com licença.

MRS. TIPERARY (levantando-se) — Também vou

ZIZI — Eu ainda fico um bocadinho... apreciando o poente... Está tão bonito!

ZEZE (voltando-se para olhar o poente e vendo Quinzinho que vem entrando no jardim) — Lá vem o sr. Quinzinho... chegou neste bonde...

MRS. TIPERARY (puxando Zizi pe'o braço) — Vem embórre também... D. Zizi. Não é bom ficar sosinho ahí...

ZIZI — Por que?!

MRS. TIPERARY — Lá vem senhor Quinzinha...

ZEZE — Oh! mrs. Tiperary! Elle é um homem sério... distincto...

ZIZI — A senhora não ouviu agora mesmo a mulher dizer que elle nunca a enganou?!

MRS. TIPERARY — E' por isso mesmo... que esse senhor Quinzinha deve ser home muito perigoso... Venha embórre... done Zizi... Quando um home non enganou sua mulher uma vez é por que tem enganado toda a vida...

(Panno)

Jan Richora

Theatro Boccacio

UM HOMEM PERIGOSO

Comedia em 1 acto de JAN RICHORA

PERSONAGENS — Zázá, Zézé, Zizi e Mrs. Tiperary. — casadas respectivamente com Quinzinho, Octavio, Amalio e Mr. Tiperary.

ACTO UNICO

Numa pensão, na Praia de Icara-hy — Salão de jantar amplo, com es-
tufadas para uma grande varanda, don-
de se descortina um lindo panorama
da entrada da Guanabara.

SCENA 1.^a

Zázá, Zize, Zizi e Mrs. Tiperary

(as quatro sentadas em cadeiras de
vime conversam, enquanto fazem
tricot).

ZAZA — Si todos os maridos fos-
sem como Quinzinho não havia tan-
ta perdição neste mundo... (para mrs.
Tiperary, mostrando o trabalho). Só
falta uma carreira...

MRS. TIPERARY — Senhorre está concluindo mui-
to depressa...

ZIZI (para Zázá) — Acha que os homens são os
culpados?

ZEZE — Quasi sempre.

ZAZA — E' dos mandamentos... «Não cubiça-
rás a mulher do proximo».

MRS. TIPERARY — Biblia diz que mulher é
que perde homem...

ZEZE — O mandamento proíbe namorar a mu-
lher do proximo... Por isso alguns vão namorar longe
de casa.

ZAZA (güetteando um olhar sobre Zizi) — Conheço
um que namora bem debaixo dos olhos da mulher...

ZEZE — Ha homens que parecem doentes...

ZIZI — Ora D. Zézé... todo homem é assim.

ZAZA — Quinzinho, não!... Boto minha mão no fogo...

ZEZE — Pois dou-lhe os meus parabens.

ZAZA — Quinzinho é uma rocha.

ZIZI — Pois a senhora é bem feliz... porque o
Amalio é uma cera... ao menor calor, derrete-se logo.

ZEZE — Pois o meu não é rocha, nem é cera... é
apenas homem. E' muito bom, muito serio... mas é
homem e com homem não se facilita.

ZIZI — E a senhora, mrs. Tiperary, tem confiança
em seu marido?

MRS. TIPERARY — Oh!... absolute!... Em Inglater-
ra... quando gente case... faz mairide jurar fidelidade.

ZAZA — E as mulheres? Não juram tambem?

MRS. TIPERARY — Oh!... Non!... Mulher ingleza
self controle.

ZIZI (tricotando) — Pois s'm...

MRS. TIPERARY — Mulher in-
gleza non se deixa conquistar...

ZEZE — No entanto deve ha-
ver casos de mulheres que não
são fieis...

MRS. TIPERARY — Oh!... Mas
non se deixa conquistar...

ZAZA — Como é então?

MRS. TIPERARY — E' a conqui-
sta home... mas nunca se deixa conquistar
(levantando a cabeça com todo o orgulho
britannico). Nunca!...

ZEZE — No entanto o flirt...

ZIZI — E' commum.

ZAZA — E ha cada flirt!

MRS. TIPERARY — Oh!... Mas flirt é moral...

ZEZE — Moral?... Nem sempre... Então uma se-
nhora casada que flirta?

MRS. TIPERARY — Que tem isso?

ZEZE — Flirtar uma casada é ás vezes equiva-
lente a um beijo.

MRS. TIPERARY — Oh!... Mas é beijo á dis-
tance... Non desmanche os cabellos... nem amarrôte
as roupe branca.

ZAZA — Pois aqui no Brasil quando uma mulher
casada flirta desmancha a reputação e amarrota
a moral... O flirt é sempre descabellado.

ZEZE — Um homem casado não pode flirtar...
porque, quando elle flirta, está enganando a mulher.

MRS. TIPERARY (para Zézé) — Se seu mairide
enganasse senhorre... que é que senhorre fazia?

ZEZE — E' bôa!... Eu... Eu... E' bôa... Bri-
gava com elle... Castigava-o.

MRS. TIPERARY — Castigava... Como?

ZEZE — Suspendia-lhe as garantias e os direitos...

MRS. TIPERARY (para Zázá) — E senhorre?...
Que é que fazia?

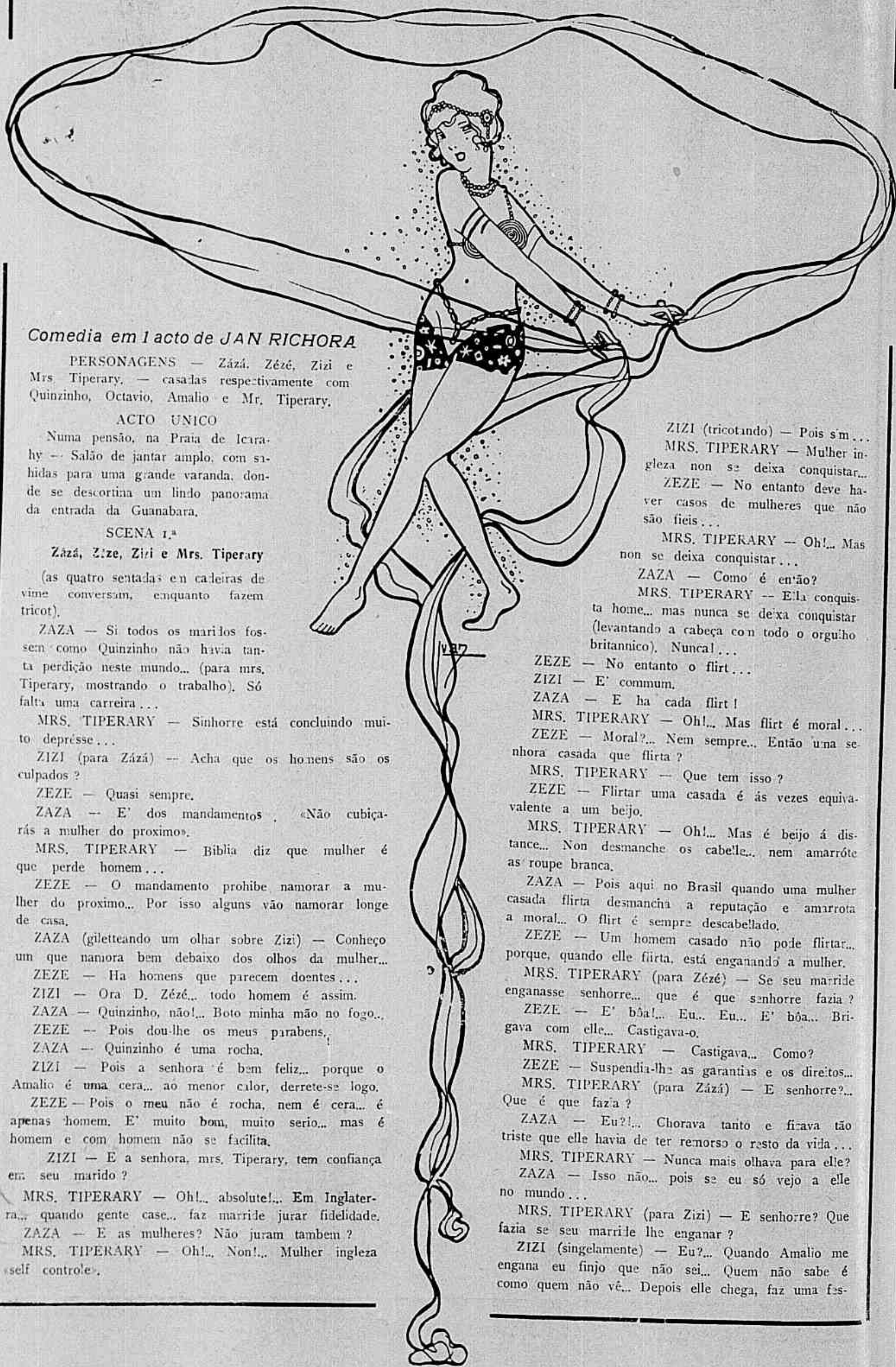
ZAZA — Eu?!... Chorava tanto e ficava tão
triste que elle havia de ter remorso o resto da vida...

MRS. TIPERARY — Nunca mais olhava para elle?

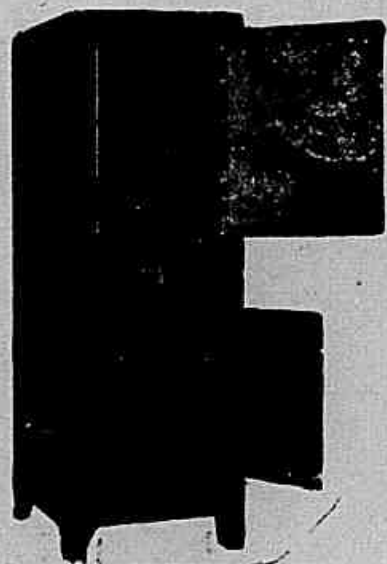
ZAZA — Isso não... pois se eu só vejo a elle
no mundo...

MRS. TIPERARY (para Zizi) — E senhorre? Que
fazia se seu mairide lhe enganar?

ZIZI (singelamente) — Eu?... Quando Amalio me
engana eu finjo que não sei... Quem não sabe é
como quem não vê... Depois elle chega, faz uma fis-



Porque V.S. deve preferir
o cofre moderno "MINERVA"



Porque é construido segundo os preceitos da mais moderna technica —

Porque a sua resistencia tem sido comprovada em violentos incendios (attestados á disposição) —

Porque é o producto de uma casa de responsabilidade —

Visitem minhas exposições a

Rua da Quitanda 156 e 158

Palacio das Industrias

Pavilhão das Grandes Industrias Nacionais

CASA JOHN ROGER

Agente geral das Machinas de escrever Smith & Bros,
Hammond, Multiplex mimeographo "Edison-Dick" etc. etc.

Não temer a Tuberculose
O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Drogarias e Pharmacias

OS CASAMENTOS NO SERTÃO

DE ROMEU MARIZ

O casamento foi na cidade, distante da linda fazenda Lagôa Redonda, quasi tres leguas. Pela manhã do dia marcado, mais de duzentos cavalleiros accorreram a Souza, afim de se incorporar ao prestito que acompanharia os noivos até á casa. Para encurtar conversa, o consorcio foi celebrado pela manhã, e logo após prepararam-se todos para a jornada.

A noiva, seguindo a praxe de antanho, iria na garupa do noivo, que ha dois mezes tratava do seu cavallo como de um filho, dando-lhe milho, banhando-o tres vezes por dia e passeando-o, galopando-o todas as tardes. O formoso cardão, de pernas finas como veado, era esguio, alligero e ardego como um demonio. E descansado como estava, seria difficil a qualquer cavalleiro da comitiva nupcial tirar n'uma correria o chapéo de seu dono.

E assim foi; quando o cortejo desfilou e se encontrava fóra da cidade, ouviu-se um grido unisono. Era o echo dos sertanejos alegres, proclamando a felicidade dos nubentes, e dos moços namorados, desafiando-se para a colheita do chapéo do noivo. Aquelle que o alcançasse primeiro seria tambem o primeiro a se casar no

anno seguinte.

N'um momento a cavallada partiu. O noivo, que seguia na frente, apercebeu-se do tropel, tudo comprehendendo, e gritando para a noiva, «te agarra Joaquina», cravou as esporas no «Ventania» e soltou, por sua vez, o seu grito de guerra, enquanto o braço esquerdo se extendia, com o chapéo na mão, consciente, de que enquanto a Joaquina resistisse, ninguem lhe alcançaria, porque n'aquellas redondezas todas não havia cavallo que tivesse o pé ligeiro como o seu. A cavallada n'um instante desapareceu envolta na poeira do caminho, que subia espessa como nuvens. Atraz, os paes dos recém-casados marchavam nos seus cavallos ronceiros, e alongavam o olhar na estrada, vendo cé'eres fugirem os seus filhos, como se fossem as suas ultimas illusões...

O percurso foi feito em poucas horas, tendo em meio o Manoel Caiçara, no seu cavallo castanho, conseguindo apanhar o cubicado cha-

péu do noivo, que constituiu o seu trophéu de victoria, e lhe deu direito a dançar a segunda quadrilha com a noiva.

Horas depois de chegados á fazenda rompeu o samba, enquanto a vasta mesa se preparava. Era meio dia quando os noivos tomaram lugar na cabeceira, tendo ao lado

os padrinhos, entre os quaes se encontrava o coronel Luiz Rocha, homem de muitos haveres, mas, muito popular e estimadissimo em todo aquelle sertão.

Ja terminar a primeira mesa, quando o velho capitão Chiquinho do Riachão se ergueu e disse por aqui assim:

Cumpade; dê licença que me alavante d'essa cadeira p'ra fazê um louvô a Joaquina minha afiada e sua fia, e ao home quella escuiou p'ra marido. Cumpade, eu sou um véio, vossê é outro véio; mais cum a deferença que in corenta e cinco, n'aquella sêcca, eu era minino taludo e o cumpade era minino de peito. Eu tou no fim da vida, cumpade, sou cuma um currá véio cahido, e o cumpade tá duro ainda, é o touro da fazenda que escavaca no paito. Quando vossê esturra aqui, cumpade, tudo estremece e nós se alegra pur vê que o cumpade inda tá forte e pôde agüentá ripuxô. A cumade tombém tá forte, mais porém ella precisa já de descanso. Ella é a vacca véia maiada, o casco da fazenda. Dizendo isso, cumpade, eu quero dizê aos noivo que siga o seu inzempo p'ra mode serem gente e herdá o que vossê ganhou cum o suô de seu rosto. Ta dita a minha rezão, cumpade, e agora viva os noivo!

Todos ergueram os copos cheios de vinho Figueira, iafamissimo zurrapa que os sertanejos importam de Pernambuco, gritando a uma só voz:

— A' rezão da mesma, á rezão da mesma!!!

A' tarde o samba fechou de todo, e os convidados, ricos e pobres, se confundiam na mesma satisfacção. Até mesmo a senhora do coronel Rocha, de familia elevada, dava a honra de dançar na festa, o que era uma deferencia nunca vista. Esse acto da distincta senhora surpreendeu a todos e um alegre sertanejo dizia para o coronel, exultando com a honraria:

— Ou cumpade! quem tem uma muiê d'essa num dá pur dinheiro nenhum...



Romeu Mariz